



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**As expectativas em relação ao futuro de jovens em
acolhimento residencial**

Beatriz Varão Pereira

Orientador(es) | Constança Biscaia

Évora 2021



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**As expectativas em relação ao futuro de jovens em
acolhimento residencial**

Beatriz Varão Pereira

Orientador(es) | Constança Biscaia

Évora 2021



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)

Vogais | Constança Biscaia (Universidade de Évora) (Orientador)
Madalena Melo (Universidade de Évora) (Arguente)

AGRADECIMENTOS

Não faria sentido começar este trabalho de investigação sem antes agradecer a todas as pessoas que me proporcionaram uma experiência académica de desafio e de superação, uma experiência gratificante a nível pessoal, académico e profissional.

Gostaria, então, de começar por agradecer à Professora Doutora Constança Biscaia, a minha orientadora, pela sua disponibilidade, auxílio, rigor e dedicação para com este projeto. Agradeço ainda toda a partilha e reflexão de conhecimentos comigo; foi, sem dúvida, um fator que me permitiu um enriquecimento tanto a nível pessoal como académico.

À CARE Porta Mágica (Casa de Acolhimento Residencial Especializado), o meu enorme agradecimento por acederem colaborar neste estudo, mostrando sempre uma enorme disponibilidade e apoio no desenvolvimento desta investigação.

À minha família, em especial à minha mãe, o meu caloroso agradecimento por todo o carinho, apoio incondicional e motivação durante todo este processo. Sem vocês, sem ti, mãe, esta teria sido uma dura batalha, a qual não seria capaz de vencer sozinha. Obrigada por todo o vosso amor e dedicação.

Aos meus amigos, em especial à Beatriz, à Catarina, à Cláudia, ao Luís e à Patrícia, agradeço toda a alegria, força e encorajamento constantes, pela partilha de tempo para longas conversas; agradeço o vosso constante carinho e apoio durante todo o meu percurso académico e não apenas nesta fase. Obrigada por me mostrarem que a vida com vocês por perto – *longe da vista, mas sempre perto do coração* – é melhor e por me darem força para continuar esta jornada nos momentos em que o que mais me apetecia era largar tudo. A ti, Miguel, um especial agradecimento por me lembrares todos os dias dos nossos objetivos e por me motivares a trabalhar e a não desistir dos meus sonhos.

A todos vós, o meu eterno agradecimento!

ÍNDICE

Introdução	1
1. Crianças e Jovens em situação de Perigo	3
a. Crianças e Jovens enquanto sujeitos com direitos	3
b. Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo	4
i. Fatores de Risco e Medidas de Promoção e de Proteção	4
c. Acolhimento Residencial	8
i. Acolhimento Residencial Especializado	10
2. Expectativas de Futuro em Jovens em situação de Acolhimento Residencial	14
a. Perspetiva Temporal – o Futuro	14
b. Expectativas de Futuro – Pensar o Futuro na Adolescência	17
i. Expectativas de Futuro em Jovens em situação de acolhimento .	19
3. Estudo Empírico	23
a. Enquadramento e Objetivos do Estudo	23
b. Metodologia	24
i. Participantes	24
1. Caracterização Geral da CARE Porta Mágica	24
ii. Instrumento	25
iii. Processo de recolha de dados	25
iv. Procedimentos para a análise de dados	26
4. Apresentação e Discussão dos Resultados	28
Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	55
Anexos	

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Pedido de Autorização para realizar as entrevistas

Anexo II – Declaração de Consentimento Informado

Anexo III – Guião da Entrevista

Anexo IV – Tabela 2: Categorias, e respetivas subcategorias e unidades de registo, obtidas para a dimensão temporal futura da Perspetiva Temporal

Anexo V – Tabela 3: Dimensões, e respetivas categorias, subcategorias e unidades de registo, obtidas para a dimensão Expectativas em Relação ao Futuro

As Expectativas em relação ao Futuro de Jovens em Acolhimento Residencial

Resumo

Apesar de a família ser o elemento fundamental e primordial do desenvolvimento do ser humano, existem diversos motivos que podem levar à rutura familiar, criando-se, assim, a necessidade de colocar crianças e jovens em instituições de acolhimento. É de salientar que jovens colocados em instituições de acolhimento podem sofrer psiquicamente quanto à orientação através das normas sociais e familiares, o que advém em dificuldades criação e construção de expectativas de futuro. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas a onze jovens do sexo feminino da CARE Porta Mágica (Casa de Acolhimento Residencial Especializado), sendo estas analisadas através de metodologias de análise qualitativa.

Palavras-chave: Jovens; Perigo; Acolhimento Residencial; Desenvolvimento; Expectativas de futuro.

Expectations regarding the Future of young people in Residential Care

Abstract

Although the family is the fundamental and primordial element in the development of human beings, there are several reasons that can lead to a family breakdown, thus creating the need to place children and young people in foster care institutions. It should be noted that young people placed in foster care institutions may suffer psychically regarding orientation through social and family norms, which results in difficulties in creating and building future expectations. Eleven semi-structured interviews were carried out with eleven young women from CARE Porta Mágica (Casa de Acolhimento Residencial Especializado), which were analyzed using qualitative analysis methodologies

Key-words: Young people; Risk; Residential Care; Development; Future expectations.

INTRODUÇÃO

A família é um grupo composto por elementos unidos entre si por relações de afeto e familiaridade, em contínua interação com o exterior, e “que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Sampaio, 1985 *cit. in* Alarcão, 2000, p.37). Para nós, seres humanos, a família é um elemento primordial e fundamental para o nosso desenvolvimento. É através das relações familiares de afeto, confiança e intimidade, que se criam as primeiras raízes ligadas aos sentimentos e emoções que geram e solidificam a estrutura afetivo-emocional, promovendo-se, deste modo, o pleno desenvolvimento humano. Desta forma, a família é entendida como o berço de formação da personalidade da criança que a integra, pois tem a capacidade de responder a necessidades primárias para as quais a criança não consegue ser autónoma, como o amor, o afeto, a alimentação, a higiene e a proteção (Relvas, 1996).

Garbarino e Abramowitz (1992 *cit. in* Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007, p. 452) acrescentam que “cada família deve ser percebida como uma pequena sociedade com características próprias e que cada grupo familiar pode apresentar mecanismos e processos diferenciados de superação das adversidades”. Contudo, os mecanismos de defesa e de atuação utilizados pelas famílias para contornarem e controlarem os desafios que lhes são impostos, nem sempre são os mais eficazes. Tendo em conta a realidade atual, torna-se evidente que as constantes alterações – mudanças ao nível tecnológico, religioso, económico e sociocultural (Dias, 2000) – a que as famílias estão sujeitas, são suscetíveis de promoverem o desenvolvimento e a evolução de tensões e de diversas problemáticas. Estas situações resultam, muitas vezes, em consequências negativas para as famílias, levando à reestruturação familiar (e.g., divórcios, novas relações de um dos elementos do casal, monoparentalidade) ou à implementação de crianças em espaços específicos de acolhimento (Silva, 2009) por forma a verem o seu desenvolvimento e necessidades assegurados.

Tem-se tornado cada vez mais evidente que ainda existem muitas crianças cujos direitos não são respeitados, pois estas são diariamente maltratadas ou encontram-se em situação de pobreza e/ou exclusão social, não sendo, desse modo, administrados os cuidados básicos necessários ao seu desenvolvimento (Silva, 2009). Neste âmbito, situações de abandono familiar, negligência, violência e/ou abusos, ou até a exposição a modelos de conduta desviantes (Carvalho, 2013), tendem a aumentar, resultando em

implicações negativas em diversas áreas do funcionamento que colocam em causa o desenvolvimento das crianças e dos jovens (Cansado, 2008). Situações como as referidas anteriormente, podem levar à rutura familiar e à retirada de crianças e jovens da sua família nuclear. Esta separação cria, por vezes, a necessidade de inserir estas crianças e jovens em casas de acolhimento, de modo a que o seu normal desenvolvimento possa progredir de uma forma mais segura e apropriada. Ainda que, com este afastamento, se pretenda proteger as crianças e jovens de situações hostis, quando o acolhimento em instituição se torna inevitável, estes sujeitos experimentam uma acentuada rutura ao nível dos seus vínculos pessoais e sociais, o que, conseqüentemente, poderá ter um forte impacto no seu desenvolvimento psicológico. Para estas crianças e jovens, que se encontram numa fase importante do seu crescimento, a criação de expectativas de futuro pode atuar como elemento de proteção, pois estas são fundamentais em momentos de crise ou de transição (Seginer, 2008; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011), tendo influência sobre as suas ações, sentimentos, motivações, e capacidades para atingirem os seus objetivos (Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011).

Na primeira parte do presente trabalho, será levada a cabo uma revisão de literatura que permitirá uma compreensão da temática de interesse do estudo. Para que se possa compreender a necessidade de inserir crianças e jovens em casas de acolhimento residencial, é necessário perceber os fundamentos que a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo dita para que tal aconteça. É sobre este assunto que o primeiro capítulo se irá debruçar – abordará os direitos das crianças, bem como a Lei que promove a proteção dos mesmos e os fatores de risco que estão associados à sua implementação; fará, ainda, referência às medidas de promoção e proteção que são apresentadas na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, com especial enfoque para o acolhimento residencial (especializado). O segundo capítulo referir-se-á à criação e desenvolvimento de expectativas de futuro nos adolescentes, tendo particular atenção aos que se encontram em situação de acolhimento.

Na segunda parte será apresentado o estudo qualitativo realizado, designadamente no método de recolha dos dados e na apresentação dos resultados obtidos. Por fim, é apresentada a conclusão e discussão dos principais resultados obtidos.

CRIANÇAS E JOVENS EM SITUAÇÃO DE PERIGO

Crianças e Jovens enquanto sujeitos com direitos

As situações de negligência e de maus tratos não são uma novidade, pois sempre se vivenciou este tipo de acontecimentos em todo o mundo (Clemente, 1998; Minayo, 2001). Contudo, foi a partir do final dos anos 50, com o crescente aumento de denúncias de situações de maus tratos, violência e abandono, e a consequente procura de informação pela comunicação social (Cansado, 2008), que a sociedade começou a encarar estes fenómenos de negligência e maus tratos como uma problemática social com necessidade de combate (Alarcão, 2000).

Por forma a combater tais adversidades, figuras máximas da política mundial uniram esforços tendo em vista a criação de medidas que promovessem a proteção e a defesa das crianças que sofriam devido a situações de violência, negligência e/ou abandono. Surgiu, assim, em novembro de 1959, a Declaração Universal dos Direitos da Criança (Organização das Nações Unidas), onde constam os dez princípios orientadores cujo objetivo se prende com o pleno e adequado desenvolvimento das crianças na sociedade (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1959). Posteriormente, em 1989, foi desenvolvida a Convenção sobre os Direitos da Criança, que agrupa e explicita um vasto conjunto de direitos universais a todas as crianças. No contexto nacional, Portugal apenas aprovou a Convenção sobre os Direitos da Criança quase um ano após a sua criação (i.e., em setembro de 1990), fazendo-se constar neste tratado internacional cinquenta e quatro artigos enquadrados em quatro categorias gerais: 1) Direitos à sobrevivência (e.g., ter direito a cuidados adequados às suas necessidades); 2) Direitos relativos ao desenvolvimento (e.g., ter direito à educação e formação); 3) Direitos relacionados com a proteção (e.g., direito de proteção contra a exploração e abuso); e 4) Direitos de participação (e.g., direito de construção e expressão de opinião própria) (UNICEF, 2019). A Convenção sobre os Direitos das Crianças reconhece que para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, estas devem “crescer num ambiente familiar, em clima de felicidade, amor e compreensão”, considerando, ainda “que importa preparar plenamente a criança para viver uma vida individual na sociedade e ser educada (...) num espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade e solidariedade” (UNICEF, 2019, p. 6). Como tal, para que as crianças cresçam em conformidade com os ideais fundamentais promovidos pela Organização das Nações Unidas, é imprescindível que esses direitos

sejam protegidos e defendidos, tendo sempre como objetivo último a proteção do pleno desenvolvimento das crianças.

Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

Tendo em conta a necessidade de combate de situações adversas que coloquem em causa o pleno desenvolvimento das crianças e dos jovens no nosso país, foi criada em Portugal, a setembro de 2001, a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (doravante LPCJP), lei essa que permite concretizar a defesa e proteção dos direitos das crianças e jovens que se encontrem em posições de perigo.

Através da publicação em Diário da República da Lei n.º147/99, de 1 de setembro, surge o modelo de proteção de crianças e jovens em risco que, em consonância com a Constituição da República Portuguesa (art.ºs 67.º, 69.º e 70.º), “atribui à sociedade e ao Estado o dever de proteção da família, das crianças e dos jovens tendo em vista o seu desenvolvimento integral e confere um direito especial de proteção às crianças órfãs, abandonadas ou privadas de um ambiente familiar normal” (Carvalho, 2013, p.16). Posto isto, este novo modelo de intervenção apela à participação responsável de toda a comunidade na medida em que se deve procurar, de acordo com parecerias e trabalho em rede, ministrar os direitos e elementos de proteção das crianças e jovens de Portugal. Contudo, compete às entidades públicas e privadas que trabalham diretamente com crianças e jovens em risco, como as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (doravante CPCJ) e, em último caso, os tribunais, imporem as medidas necessárias e essenciais para que o desenvolvimento psíquico, físico e social das mesmas não fique aquém daquilo que é expectável.

A intervenção da LPCJP ocorre, sobretudo, quando existem evidências de que a criança ou jovem, até aos 18 anos de idade, se encontra numa situação de perigo para a sua segurança, saúde, educação, formação ou desenvolvimento (Carvalho, 2013). Nesse sentido, é fulcral compreender os fatores de risco que, muitas vezes, estão associados e atuam como preditores nas demais situações de violência e negligência infantil.

Fatores de Risco e Medidas de Promoção e de Proteção

É comum encontrarmos o conceito de risco associado a diversas temáticas do nosso cotidiano (e.g., medicina, psicologia, economia, entre outras), relacionando-o, muitas vezes, ao incógnito, à dúvida, ao ambíguo e à insegurança (Martins, 2004). No entanto, o sentido atribuído ao conceito de risco é paralelo a qualquer matéria, uma vez

que este se encontra associado à probabilidade de um qualquer evento negativo ocorrer devido à frequência ou carência de certa(s) condição(ões) precipitantes, limitativas ou agravantes (Coie *et al.*, 1993).

De acordo com Cowan, Cowan e Schulz (1996, *cit. in* Mota & Matos, 2008, p.369) o risco, “concebido como um marcador ou fator preditor de acontecimentos indesejáveis num dado contexto”, poderá ter fortes implicações no desenvolvimento das crianças e jovens. Todavia, existem ainda outros elementos (e.g., fatores biológicos, socioculturais, familiares, etc.) que afetam a manifestação desse risco, tornando-o mais ou menos severo, com maiores ou menores consequências para a criança ou jovem (Marques-Teixeira, 2000 *cit. in* Mota & Matos, 2008).

São diversos os fatores que podem ter implicações no normal desenvolvimento das crianças e jovens, desde complicações pré, peri e pós-natais, lesões e doenças, desequilíbrios familiares, maus-tratos, negligência, desordens psicológicas, a contextos socioculturais debilitados. Posto isto, é possível fazer uma distinção entre fatores de risco biológicos (e.g., doenças e psicopatologia) e fatores de risco não biológicos/socioculturais (e.g., violência, limitações económicas).

Esta conceção de existência de fatores de risco socioculturais chama a atenção para a manifestação negativa de elementos associados ao meio envolvente e aos cuidados prestados à criança (Sameroff & Chandler, 1975 *cit. in* Martins, 2004). Perante esta ideia de influência de fatores não biológicos sobre o desenvolvimento da criança e jovem, a LPCJP diferencia diversas situações de risco (n.º 2, art.º 3, LPCJP, 2018):

- 1) está abandonada(o) ou vive entregue a si própria(o), isto é, quando existem evidências claras de abandono à nascença ou nos primeiros meses de vida, ausência permanente ou temporária de suporte familiar, bem como de satisfação das necessidades básicas e de segurança (Carvalho 2013);
- 2) sofre maus tratos físicos (i.e., ações intencionadas que provoquem danos físicos, a vivência em contexto de violência doméstica, e/ou a ofensa física por castigo corporal (Carvalho, 2013)) ou psíquicos (i.e., ações que afetem o bem-estar e a integridade da criança ou do jovem, ou que tenham como objetivo a humilhação, discriminação, ameaça, obrigação ou privação de atividades (Carvalho, 2013)), ou é vítima de abusos sexuais, considerando-se, neste caso, a

violação ou outro ato sexual (e.g., o aliciamento sexual, a pornografia infantil ou ações que objetivem a prostituição infantil (Carvalho, 2013));

3) não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal, ou seja, quando há indicações e provas de que as necessidades básicas e de segurança da criança ou jovem não são satisfeitas pela família ou cuidador(es), causando danos ao nível psicoafectivo, da saúde ou educação (Carvalho, 2013);

4) está ao cuidado de terceiros, durante o período em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o exercício das funções parentais pelos pais, tal acontece, por exemplo, quando uma criança ou jovem se encontra à responsabilidade dos pais, mas as suas necessidades não são suprimidas por estes, mas sim por terceiros que se encarregam do seu cuidado, educação e proteção;

5) é obrigada(o) a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento (e.g., exploração através do trabalho infantil com o propósito de se conseguir obter benefícios económicos e a obrigação à prática da mendicidade (Carvalho, 2013));

6) está sujeita(o), de forma direta ou indireta (exposição, por exemplo), a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional (e.g., o bullying, comportamentos de indisciplina, o consumo de bebidas alcoólicas e/ou de estupefacientes e a vivência num ambiente dominado pela violência doméstica (Carvalho, 2013));

7) assume comportamentos ou entrega-se a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o(a) representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação; de outra forma, quando há evidências de que a criança ou jovem pratica atos criminosos (i.e., factos ilícitos punidos pela Lei Penal), abandona a escola em idade de frequência obrigatória ou apresenta evidências claras de acentuado insucesso escolar (Carvalho, 2013).

8) possui nacionalidade estrangeira e, sem autorização de residência em território nacional, encontra-se acolhida numa instituição pública, cooperativa ou privada.

Ainda que, de acordo com o Código Penal (artigo n.º153), os maus tratos a crianças e jovens sejam considerados um crime público passível de punição, é importante

que se privilegie a proteção dessas crianças e dos jovens vítimas de negligência ou violência e que se trabalhe com o objetivo de promover a sua qualidade de vida, isto é, que se respeite e obedeça aos seus direitos (Vieira, 1998). Posto isto, sempre que uma criança ou jovem se encontra em perigo, conforme o previsto na LPCJP é necessário protegê-la(o) com a sua retirada dessa situação de risco.

De acordo com a Ordem dos Psicólogos Portugueses (n.d.) é nos contextos onde existem relações próximas que são frequentes as situações de abuso e/ou negligência, pelo que, sendo assim, a família será entendida como primeiro fator de risco para o aparecimento de tais situações problemáticas. Têm sido levados a cabo diversos estudos relacionados com as vivências em contexto familiar que nos indicam que muitas das crianças ou jovens envolvidas(os) em situação de proteção advém de lares onde há experiências diárias de violência no seio familiar (Pais, 2015) ou a presença de diversas problemáticas cognitivas (McConnell, Feldman & Aunos, 2017; McConnell, Feldman, Aunos & Prasad, 2011; Wickström, Höglund, Larsson & Lundgren, 2017) que, muitas vezes aliadas a situação de pobreza, isolamento social, consumos de substâncias e/ou abuso de álcool, constituem um entrave para o desempenho parental minimamente adequado (Bayer, Ukoumunne, Lucas, Wake, Scalzo & Nicholson, 2011). Posto isto, é importante que se desenvolva uma intervenção adequada com vista à proteção efetiva das crianças ou dos jovens, e esta deve ter sempre em conta a família, e não apenas as crianças ou os jovens, assim como os diferentes contextos em que interagem e que influenciam os seus comportamentos (Lopes, Mendes, Magalhães, Fernandes & Martins, 2016).

Quando uma intervenção informal não for suficiente ou possível, isto é, se pela natureza e gravidade da(s) situação(ões) a intervenção de entidades competentes em matéria de infância ou juventude não conseguir o efeito e as mudanças desejáveis na dinâmica familiar ou com o(s) cuidador(es), é necessário que Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e, em última instância, os Tribunais, tomem e apliquem as devidas medidas de promoção e proteção (Carvalho, 2013; Lopes, Mendes, Magalhães, Fernandes & Martins, 2016). Estas medidas de promoção e proteção, nos termos do n.º1, art.º35, da LPCJP (2018), podem ser dispostas em: 1) apoio junto dos pais; 2) apoio junto de outro familiar; 3) confiança a pessoa idónea; 4) apoio para a autonomia de vida; 5) acolhimento familiar; 6) acolhimento residencial; e 7) confiança a pessoa selecionada para a adoção

(e.g., familiar ou outra pessoa que cumpra os requisitos necessários para a adoção da criança ou jovem), a família de acolhimento ou instituição com vista à adoção.

Acolhimento Residencial

Mediante o acolhimento em instituição, pretende-se afastar a criança ou jovem da situação de perigo em que se encontra. Através da sua inserção em instituições que respondam de forma adequada à satisfação das necessidades das crianças ou jovens que se encontrem em situação de acolhimento, é possível assegurar os elementos essenciais para a sua educação, bem-estar e desenvolvimento (art.º 49, LPCJP, 2018).

Muitas destas problemáticas poderiam ser atempadamente trabalhadas através de programas de intervenção que visem a prevenção de tais situações a fim de se evitar a retirada de uma criança ou de um jovem à sua família ou cuidador(es). Contudo, na maioria dos casos tal não é possível, e as problemáticas sociais que mais frequentemente estão associadas à colocação de crianças ou jovens em situação de acolhimento são a pobreza, a morte do pai e/ou da mãe ou do(s) cuidador(es), a separação familiar (e.g., emigração, na sequência de catástrofes naturais, etc.), a presença de doença (inclusive mental) ou incapacidade do pai e/ou da mãe, ou do(s) cuidador(es), o abuso de substância (i)lícitas pelo pai e/ou pela mãe, ou pelo(s) cuidador(es), a deficiência ou incapacidade da criança ou do jovem, a presenças de problemas comportamentais da criança ou do jovem, bem como a vivência num ambiente de negligência ou de violência nas suas mais variadas formas (UNICEF, 2019; University of Bedfordshire, 2014 *cit. in* Carvalho & Salgueiro, 2018).

A medida de acolhimento residencial é considerada uma medida de último recurso, uma vez que se procura privilegiar o acolhimento familiar ao acolhimento residencial (n.º 4, art.º 46, LPCJP, 2018), por forma a garantir que essa criança ou jovem é inserida(o) num contexto que lhe permita a experiência de vida familiar. Ainda assim, o acolhimento residencial deve ser entendido como um direito das crianças e jovens que se encontrem em situação de risco, sempre que se verifique a necessidade de aplicar esta medida cautelar de proteção (Bullock, 1999 *cit. in* Carvalho, 2013). Apesar de, na maioria das vezes, esta ser uma medida necessária e urgente, é importante que se tenha em mente de que esta pretende ser uma situação temporária com vista no futuro da criança ou do jovem, isto é, deve-se ter em conta a (re)integração social e/ou familiar, sempre que possível, destas crianças e/ou jovens (Carvalho, 2013).

Quando se compara as medidas de acolhimento familiar com a integração da criança em situação de acolhimento em instituição, existem evidências que apontam para resultados mais positivos, relativos às aprendizagens e ao crescimento e fortalecimento emocional e social obtidos por crianças e jovens em situação de acolhimento familiar (Delgado, 2013 *cit. in* Delgado & Gersão, 2018), em comparação com os resultados evidenciados por crianças e jovens em situação de acolhimento residencial (Martins, Belsky, Marques, Baptista, Silva, Mesquita, De Castro, Sousa & Soares, 2012; Oliveira, Fearon, Belsky, Fachada & Soares, 2014). Apesar de se procurar privilegiar o acolhimento familiar, os últimos dados estatísticos relativos ao nosso país, não vão ao encontro dessa ideia, uma vez que, embora não tenha sido uma diminuição acentuada, em 2017 o número de crianças e jovens acolhidas/os em contexto familiar baixou comparativamente ao ano anterior – 2017 com um total de 246 crianças e jovens em situação de acolhimento familiar, para um total de 261 no ano de 2016 (CASA, 2018). Esse número continua a ser ínfimo quando comparado com o número de crianças em situação de acolhimento residencial – 2017 com um total de 7307 crianças e jovens em situação de acolhimento residencial [inclui respostas de acolhimento residencial generalista¹, acolhimento residencial especializado e outras respostas²] (CASA, 2018).

O acolhimento residencial atende a modelos de intervenção de carácter socioeducativo ajustados ao público-alvo acolhido (n.º 1, art.º 50, LPCJP, 2018), podendo diferenciar-se através de unidades especializadas, isto é: 1) casas de acolhimento para resposta em situações de emergência; 2) casas de acolhimento para resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica manifestadas pelas crianças e jovens a acolher; e 3) apartamentos de autonomização para o apoio e promoção da autonomia (n.º 2, art.º 50, LPCJP, 2018).

No que diz respeito ao funcionamento das instituições de acolhimento, este é definido de acordo com diploma próprio das mesmas. As casas estão organizadas de forma mais semelhante possível a uma casa, de modo a promover relações afetivas que tenham em conta os exemplos familiares, uma vida diária dinâmica e personalizada de acordo com as necessidades e especificações de cada criança ou jovem, assim como a sua

¹ Entende-se por respostas de acolhimento residencial generalista, o acolhimento de emergência, o acolhimento em Lar de infância e Juventude e em Centro de Acolhimento Temporário (CASA, 2018).

² Nas outras respostas de acolhimento, encontram-se os Apartamentos de Autonomização, os Centros de Apoio à Vida, as Comunidades de Inserção, as Comunidades Terapêuticas, os Lares de Apoio, os Lares Residenciais, os Colégios de Ensino Especial e as Casa Abrigo (CASA, 2018).

(re)integração e participação na comunidade (n.º 1, art.º 53, LPCJP, 2018). As crianças e os jovens podem ser visitados pelos familiares ou pessoas significativas, mediante autorização do tribunal, e de acordo com os horários e regras de funcionamento da instituição (n.º 3, art.º 53, LPCJP, 2018).

Às instituições de acolhimento estão associadas diversas responsabilidades (i.e., jurídicas, sociais, educativas, entre outras), que anteriormente estariam a cargo do pai e/ou da mãe ou do(s) cuidador(es) (Carvalho, 2013). A Lei portuguesa acrescenta que as equipas integrantes das instituições de acolhimento devem dispor de uma equipa técnica composta pelo(a) diretor(a), psicólogo(a) e assistente social, uma equipa educativa constituída por auxiliares de ação educativa e de cuidados a crianças, e ainda uma equipa de apoio integrando colaboradores de serviços gerais que exercem funções distintas e multidisciplinares articuladas (n.º 1, art.º 54, LPCJP, 2018).

Por último, é importante ter em consideração que a criança e /ou jovem acolhida/o é um sujeito provido de direitos e que tal não deixa de ser diferente quando ingressa numa medida de acolhimento residencial, o que quer dizer que cada instituição de acolhimento residencial deve ter em conta, de forma explícita e clara, os direitos da criança ou jovem em situação de acolhimento, tal como são referidos no n.º 1, art.º 58 da LPCJP (2018).

Acolhimento Residencial Especializado

De acordo com o Department of Health (1998, *cit. in* Alvarez, Carvalho & Baptista, 2014, p. 51), “as crianças e jovens institucionalizados em lares representam um subgrupo pequeno e invulgar das crianças em risco, têm problemas mais complexos e exigentes que as crianças que permanecem com os seus familiares”. Muitas destas crianças e jovens provêm de famílias problemáticas que põem em risco o seu progresso pessoal, social e educacional. Por outro lado, por vezes, também os jovens adotam comportamentos de risco que comprometem o seu desenvolvimento. Posto isto, é importante que estas crianças e jovens sejam acolhidas num espaço capacitado para responder a diferentes problemáticas (e.g., problemas e dificuldades ao nível do comportamento, de saúde mental, prostituição, toxicodependência, etc.), bem como às suas necessidades afetivas, psicológicas, educacionais e de saúde.

De acordo com a intervenção tutelar de promoção e de proteção discriminada na LPCJP, as casas de acolhimento residencial especializado são respostas que permitem o acolhimento de jovens entre os 12 e os 18 anos de idade com evidência de

comportamentos disruptivos ou perigosos para os próprios, resultantes, sobretudo, de graves dificuldades emocionais (CASA, 2018). Contudo, é relevante salientar que o recurso a esta resposta apenas deverá ser posto em prática depois de esgotadas as opções de uma intervenção estruturada anterior junto da família e do jovem, tendo, para tal, sido implementados os recursos, estratégias e abordagens multidisciplinares necessárias. Por conseguinte, é importante que se proceda a uma avaliação detalhada da(s) intervenção(ões) anteriormente desenvolvida(s) “para que apenas sejam encaminhados para estas respostas aqueles que efetivamente já reúnem condições para beneficiarem das mesmas” (CASA, 2018, p. 35).

As casas de acolhimento residencial operam de acordo com diploma próprio (n.º 2, art.º 53 da LPCJP, 2018) e em consonância com modelos terapêuticos que permitam responder às falhas psicossociais e afetivas que os jovens sofreram enquanto crianças (CASA, 2018). Concomitantemente, as casas de acolhimento residencial especializado devem empenhar-se em promover a mudança interna, assim como a aquisição e construção de competências, trabalhando sempre com vista à proteção, harmonia, equilíbrio (CASA, 2018) e desenvolvimento pessoal das crianças e jovens acolhidas(os). Posto isto, a intervenção realizada nas instituições de acolhimento especializado baseia-se no desenvolvimento, com as crianças e jovens, de um caminho orientador de comportamentos e atitudes adequadas, impostos através da definição de estratégias de auxílio (Barbas, 2014). Estes espaços também permitirão a criação de um modelo familiar fortemente próximo do real, o que possibilita um acompanhamento mais intensivo às crianças e jovens acolhidas(os) (Barbas, 2014).

Todo o processo terapêutico se deve adequar às necessidades específicas das crianças e jovens acolhidas(os), sendo reforçada a ideia de que este se centralize na aquisição e desenvolvimento de competências pessoais e sociais que capacitem estas crianças e jovens para um futuro fora da instituição. É importante que este trabalho tenha sempre em conta as experiências vividas pelas crianças e pelos jovens, bem como as suas crenças e sentimentos.

A intervenção em contexto de acolhimento especializado apresenta um especial enfoque no ensino integrado com vista à garantia de condições de sucesso escolar de crianças e jovens que viram o seu processo de desenvolvimento interrompido devido à exposição prolongada de atos de negligência e maus tratos (CASA, 2018). Neste contexto

é possível administrar respostas com maior grau de individualização e flexibilidade que se adequem às necessidades psicossociais e educativas dos jovens acolhidos, bem como ao espaço em que estes podem ser integrados durante o ano letivo (CASA, 2018).

De acordo com os dados mais recentes do Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA, 2018), no ano de 2017, em Portugal, contou-se com um total de 94 crianças e jovens em situação de acolhimento residencial especializado, em comparação com um total de 6583 crianças e jovens em situação de acolhimento generalista.

Uma das casas de acolhimento residencial especializado existentes em Portugal é a Casa de Acolhimento Residencial Especializado Porta Mágica (CARE Porta Mágica), local onde foi desenvolvido o presente estudo; esta é uma Associação de Solidariedade Social que pretende oferecer uma resposta especializada focada no Modelo de Acolhimento Terapêutico adaptado à metodologia “Opportunity Led Work” de Ward (CARE Porta Mágica, 2019). Este modelo de intervenção idealiza a instituição de acolhimento como a base de todos os processos transacionais que originam a mudança e a aprendizagem. Nesse sentido, a instituição procura utilizar todos os momentos diários dos jovens, formais e informais, como contexto terapêutico suscetível de promover a mudança e a aprendizagem; no entanto, para que tal seja possível é importante que se tenha em conta as relações de proximidade e de continuidade que se estabelecem entre jovens e adultos da casa (i.e., com a equipa técnica, educativa, e todos os intervenientes) (CARE Porta Mágica, 2019). Para Ward (2002) existem momentos subjacentes às interações diárias que podem ter uma forte influência sobre os jovens, criando oportunidades de comunicação e insight que revelam memórias, sentimentos e emoções relativamente a acontecimentos do passado, do presente ou do futuro dos jovens. A metodologia “Opportunity Led Work” sugere que são estes momentos do cotidiano dos jovens que permitem o trabalho com vista à aprendizagem e à mudança (Ward, 2002). Todavia, é importante esclarecer que este tipo de metodologia não descarta a importância, bem como a necessidade, de criação de momentos mais estruturados de intervenção psicoterapêutica junto dos jovens em acolhimento (individual ou em grupo).

O modo de funcionamento da CARE Porta Mágica integra diversas atividades que podem ser potencializadas como meio de intervenção terapêutica:

- Socioterapêuticas – envolvem a observação, avaliação, tomada de decisão, ação e revisão, com o objetivo de intervir em situações diversas do cotidiano para uma comunicação que leve à aprendizagem e, consequentemente, à mudança (Ward, 2002);
- Educativas – desenvolvimento de respostas com maior grau de individualização e flexibilidade adaptadas às necessidades psicossociais e educativas dos jovens (CASA, 2018).
- Psicoterapia Individual e de Grupo – momento que permite a abordagem de diversos conteúdos e problemáticas, e no qual se busca elaborar um projeto terapêutico que potencialize as mudanças necessárias e que fortaleça o desenvolvimento dos jovens (Barbas, 2014);
- Ludicopedagógicas – por serem atividades estruturadas, regulares e, preferencialmente, do interesse dos jovens, podem ser vistas como estratégias que permitem o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cognitivas como trabalhos manuais, informática, música, pintura, jardinagem, entre outras (Barbas, 2014);
- De rotina – implicam estabilidade e regularidade, possuindo, assim, um importante valor estruturante, como tarefas domésticas, manutenção do espaço físico, hábitos de higiene pessoal e habitacional, alimentação saudável, entre outros (Barbas, 2014).

Durante o processo terapêutico, todos os aspetos são importantes, mas é a comunicação e forma como esta é utilizada que permite o sucesso da intervenção e a efetiva mudança nos jovens. Este é um pormenor ao qual se deve dar grande importância, uma vez que a “comunicação aberta, sincera e afetiva” (p. 42) entre os jovens acolhidos e os adultos que os acompanham, cria um sentimento de confiança que permite aos jovens conseguirem expor as suas problemáticas e receios com vista à sua mudança e resolução de problemas (Barbas, 2014).

É toda a atitude que se tem face aos jovens e perante o processo terapêutico que permitirá atender às necessidades reais destes e que conduzirá ao sucesso da intervenção que é realizada (Barbas, 2014). Através da intervenção proporcionar-se-á a mudança de comportamentos, a promoção do desenvolvimento e a construção de um caminho que vise orientar os jovens para o seu futuro fora da instituição de acolhimento.

EXPECTATIVAS DE FUTURO EM JOVENS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Perspetiva Temporal – o Futuro

A Perspetiva Temporal pode ser entendida como um processo fundamental de associação em espaços temporais (Ortuño & Gamboa, n.d.; Zimbardo & Boyd, 1999), como o passado, o presente e o futuro, de pessoas e eventos. Este é um processo que começamos a assimilar desde a nossa infância através da intervenção da nossa família, cultura, religião, classe social e educação (Nurmi, 1991; Zaleski, 1994 *cit. in* Keough, Zimbardo & Boyd, 1999), e que nos permite categorizar, armazenar e recuperar experiências pessoais e sociais em diferentes zonas temporais (Zimbardo & Boyd, 1999).

Através de autores como Ringle e Savickas (1983) ou Zimbardo, Keough e Boyd (1997), a perspetiva temporal é compreendida como um estilo cognitivo de tratamento de tarefas com impacto direto na motivação dos indivíduos, mas atua também noutros elementos do pensamento e comportamento humano, como, por exemplo, os processos de tomada de decisão, a procrastinação, ou a tendência para adotar comportamentos de risco. Através das diferentes investigações realizadas no âmbito da relação entre a perspetiva temporal e as distintas variáveis da personalidade dos sujeitos, é sabido que a perspetiva temporal é um processo que atua numa vasta gama de decisões e ações relativas ao comportamento humano (Keough, Zimbardo & Boyd, 1999).

Variados estudos apontam a perspetiva temporal como uma abordagem fundamental na predição de comportamentos e pensamentos (Ortuño & Janeiro, 2009). Deste modo, a investigação tem relacionado a perspetiva temporal com: a condução de risco (Zimbardo, Keough & Boyd, 1997), o consumo de álcool, tabaco e outros tipos de drogas (Apostolidis, Fieulaine, Simonin & Rolland, 2006; Keough, Zimbardo & Boyd, 1999), a adoção de comportamentos pro-ambientais (Corral-Verdugo, Fraijo-Sing & Pinhero, 2006; Milfont & Gouveia, 2006), a procrastinação (Ferrari & Díaz-Morales, 2006), a qualidade de vida em indivíduos com VIH (Préau, Apostolidis, Francois, Raffi & Spire, 2007), bem como a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas (Ortuño, Paixão & Janeiro, 2013).

As três orientações temporais (passado, presente e futuro) devem interagir em conjunto, uma vez que um perfil temporal relativamente flexível, permite aos sujeitos ajustarem-se às exigências do meio envolvente, sendo, portanto, importante evitar o uso

frequente de apenas uma delas (Zimbardo & Boyd, 1999). Apenas quando o sujeito consegue ajustar eficazmente os diferentes marcos temporais às exigências das situações que experiencia, conquista uma orientação temporal equilibrada. No entanto, o pensamento, assim como o comportamento humano, é variável consoante os indivíduos se centrem em determinado marco temporal (i.e., presente, passado ou futuro), ou seja, conforme se recorra com mais frequência a uma das orientações temporais. Deste modo, o sujeito procura focar-se exclusivamente num dos marcos temporais, o que irá resultar num estilo de funcionamento individual instável (Zimbardo & Boyd, 1999).

O passado faz referência a memórias de acontecimentos ou situações que os sujeitos experienciaram (Ortuño & Gamboa, n.d.), podendo estas ter valência positiva ou negativa para os próprios sujeitos (Zimbardo & Boyd, 1999). Também dadas as semelhanças que possam existir com elementos atuais, estas memórias podem ser emparelhadas com o momento presente (Ortuño & Gamboa, n.d.), podendo explicar a variação afetiva a longo prazo relativa a experiências traumáticas para os sujeitos (Holman & Silver, 1998).

A orientação temporal presente condiciona o sujeito através de variáveis sensoriais, situacionais, biológicas e sociais que são intrínsecas ao próprio sujeito, o que explica a importância da qualidade e intensidade dos estímulos presentes para o pensamento e comportamento dos indivíduos (Zimbardo & Boyd, 1999). Neste marco temporal, pode-se ter como exemplo o abuso de substâncias – sujeitos que se foquem no marco temporal presente e que estejam expostos a estímulos de elementos que possam influenciar o uso de substâncias, tendem a ser mais vulneráveis ao consumo álcool, tabaco e outras drogas (Keough, Zimbardo & Boyd, 1999).

O terceiro marco temporal diz respeito ao futuro. Nesta orientação temporal, as expectativas, as antecipações e os cenários hipotéticos criados pelo sujeito têm um papel fundamental na deliberação dos seus pensamentos e comportamentos (Zimbardo & Boyd, 1999), o que leva a crer que a análise dos benefícios e custos das prováveis ações do sujeito tenham um papel de relevo (Ortuño & Gamboa, n.d.). Recorrendo novamente ao exemplo do consumo de substâncias, para Keough, Zimbardo e Boyd (1999), os indivíduos que apresentam maior perspetiva temporal de futuro tendem a exibir uma relação negativa no que diz respeito ao uso de substâncias como o álcool, o tabaco e outras drogas. Tal evidência poderá dever-se ao facto de a perspetiva temporal futura ser uma

estrutura cognitiva que impõem ao sujeito certos limites e restrições a comportamentos de risco (Keough, Zimbardo & Boyd, 1999) relacionados com o consumo de substâncias. A investigação também afirma que sujeitos orientados para a perspetiva temporal futura procuram usar métodos de redução à exposição ao VIH, como, por exemplo, questionar o historial sexual dos/as parceiros/as, adiar ou abster-se de ter relações sexuais (Rothspan & Read, 1999).

A perspetiva temporal consiste num processo que apresenta ser bastante importante para a dinamização do pensamento e comportamento humano, no entanto, a dimensão temporal futura ganha maior impacto (Janeiro, 2012). Tal deve-se ao facto de os sujeitos que apresentam uma maior orientação para o futuro serem mais otimistas e anteciparem resultados mais positivos no que diz respeito às suas experiências (Zimbardo & Boyd, 1999). Este pode ser um elemento que poderá evidenciar um funcionamento individual mais positivo e, no caso das crianças e adolescentes, originar resultados mais satisfatórios ao nível do desempenho escolar (Zimbardo & Boyd, 1999). Considerando que o conceito de expectativas de futuro, como se irá ver mais adiante, faz referência ao modo como um indivíduo supõe que um certo evento ocorra, não é errado pensar que o futuro se caracteriza por desejos, receios, apreensões e esperanças (Paredes & Pecora, 2004), sendo ativo no comportamento e no modo como cada sujeito atribui significado às suas experiências de vida (Carvalho, Pocinho & Silva, 2010). Posto isto, o futuro e as expectativas que a ele se encontram associadas, são elementos fundamentais da vida psicológica de cada indivíduo (Carvalho, Pocinho & Silva, 2010), pelo que Araújo (2005, *cit. in* Carvalho, Pocinho & Silva, 2010, p. 555) acrescenta que “quase não seríamos capazes de viver sem a memória do passado, uma orientação para o presente e o sentido de devir”. Deste modo, a perceção do tempo poderá ser considerada uma particularidade básica da atividade cognitiva e do comportamento dos sujeitos (Díaz-Morales, 2006).

A perspetiva temporal é um processo que merece atenção no âmbito do presente trabalho de investigação, uma vez que este se realiza com adolescentes. A assimilação da perspetiva temporal no que diz respeito à adolescência e à identificação de variáveis de funcionamento da personalidade, poderá originar resultados relevantes para uma melhor compreensão das evidências obtidas relativamente às expectativas de futuro das participantes.

Expectativas de Futuro – Pensar o Futuro na Adolescência

Quando se aborda o desenvolvimento do ser humano, o conceito de expectativas de futuro é um tema que tem alguma relevância, pois acredita-se que pensar o futuro motiva os comportamentos dos sujeitos no presente e tem influência sobre as suas escolhas e decisões que posteriormente terão impacto na realização futura (Bandura, 2006; Beal & Crockett, 2010; Nurmi, 1991; Seginer, 2008).

Este conceito pode ser entendido como sendo uma antecipação, no tempo presente, de metas (realistas ou irrealistas) que se deseja alcançar no futuro, isto é, “diz respeito ao grau e ao modo pelo qual o futuro cronológico de um indivíduo é integrado ao espaço de vida presente através de processos motivacionais” (Locatelli, Bzuneck & Guimarães, 2007, p. 269). Seginer (2009) simplifica a definição do conceito, afirmando que as expectativas de futuro são planos formados pelos jovens, nos quais constam as suas aspirações e medos sobre eventos de vida prováveis num futuro próximo ou distante.

As expectativas de futuro podem ser entendidas como elementos protetores (i.e., fator de proteção do sujeito), uma vez que a construção e a criação de pensamentos e atitudes relativas ao futuro potenciam a adoção de comportamentos mais adaptativos e de experiências mais positivas, evitando-se os comportamentos associados a um maior risco para o sujeito (Mahler, Fine, Frick, Steinberg & Cauffman, 2018). O pensamento de que as expectativas de futuro dos sujeitos influenciam as suas motivações e comportamentos, podendo, por isso ser usadas para compreender os atos dos mesmos, não é recente. Há mais de um século que a psicologia se questiona relativamente a este tema, adiantando que as expectativas têm sentido devido à percepção de tempo ser base fundamental da cognição humana (James, 1950), permitindo, igualmente, a autorregulação do comportamento no presente (Lewin, 1942 *cit. in* Loureiro, 2012), bem como a antecipação do futuro (Fraisie, 1967 *cit. in* Loureiro, 2012).

À medida que cresce, o ser humano vai criando uma visão mais clara do seu futuro, e as expectativas funcionam como suporte para a fixação e construção de objetivos, e tomada de decisões (Seginer, 2000) que terão impacto nas ações do indivíduo. É durante a adolescência que o futuro e o ‘pensar sobre o futuro’ ganham importância quanto ao estabelecimento e cumprimento de metas (Laghi, Pallini, D’Alessio & Baiocco, 2011). Na fase da adolescência, etapa marcada por diversas mudanças a vários níveis (i.e., físico, psíquico, emocional, social ou familiar), é comum que os jovens reflitam e se preocupem

com a forma como serão as suas vidas no futuro quando se tornarem adultos. Mas, se por um lado, esta etapa do desenvolvimento é marcada pela procura e desenvolvimento pessoal e social, também é um momento assinalado pela diminuição da base parental de orientação e monitorização (Arnett, 2007; Tonsing & Ow, 2018). Este facto é gerador dum aumento de autonomia com consequente libertação de restrições de tempo e de controlo ao nível social (Sulimani-Aidan, 2015), sendo, simultaneamente, um período de exploração da identidade (Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011; Tonsing & Ow, 2018).

As metas que inicialmente são desenvolvidas pelos jovens tendem a estar de acordo com as normas da sociedade em que o indivíduo se encontra inserido e em consonância com o seu contexto familiar (Beal & Crockett, 2010). Relativamente às temáticas sobre as quais os jovens se debruçam quando abordam as expectativas de futuro, existem evidências de que estas pendem para as principais tarefas relativas ao desenvolvimento do final da adolescência, bem como o início da vida adulta (Nurmi, 1991), relacionando-se com diversas dimensões (Sánchez-Sandoval & Verdugo, 2016). As principais temáticas refletidas nas expectativas de futuro dos jovens (tendo em conta que estas variam de acordo com a idade, sexo, cultura e crenças) relacionam-se com domínios específicos sobre a vida futura, como o trabalho e a educação, aparecendo de seguida questões ligadas ao casamento, à construção de família, auto preocupações, atividades de lazer e aspetos materiais (Bandura, 2006; Nurmi, 1991; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013).

No momento de criação destas expectativas de futuro, existem alguns autores que acreditam ser pertinente a distinção entre expectativas de futuro positivas e negativas, pois esta diferenciação torna-se relevante para a motivação dos jovens, a fim de conseguirem atingir os seus objetivos. Diversos estudos realizados com crianças e jovens em situação de risco e/ou acolhimento, indicam que expectativas de futuro positivas se encontram ligadas a um desenvolvimento social e emocional mais positivo (Wyman, Cowen, Work & Kerley, 1993), a maiores realizações académicas (Zimbardo & Boyd, 1999), a uma diminuição da probabilidade de consumo e abuso de substâncias e de envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Bryan, Aiken & West, 2004; Tevendale, Lightfoot & Slocum, 2009; Sipsma, Ickovics, Lin & Kershaw, 2012; Zimbardo & Boyd, 2004), ao estabelecimento de mais objetivos a longo prazo e a uma autoestima mais positiva (Catalano, Berglund, Ryan, Lonczak & Hawkins, 2004). Posto

isto, é de notar que a criação de expectativas de futuro positivas é tida como fator de proteção relacionado com resultados psicossociais mais otimistas, capacidade de resiliência e taxas mais diminutas de aderência a comportamentos de risco (Dubow, Arnett, Smith & Ippolito, 2001; Sulimani-Aidan, 2015). Por outro lado, a existência de expectativas negativas em jovens em situação de risco e/ou acolhimento encontra-se frequentemente relacionada com um maior envolvimento com a lei (Mahler, Fine, Frick, Steinberg & Cauffman, 2018; Nurmi, 1991; Raffaelli & Koller, 2005) e com uma taxa de adesão a comportamentos de risco superior (Sulimani-Aidan, 2015).

Expectativas de Futuro nos Jovens em situação de acolhimento

A literatura afirma que, para as crianças e jovens que se encontram em situação de acolhimento, a transição para a vida adulta e autónoma pode ser um momento difícil em muitos domínios específicos, como a nível social, da educação, da procura de casa (Courtney & Dworsky, 2006; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001; Mason, Castrianno, Kessler, Holmstrand, Huefner, Payne, Pecora, Schmaltz & Stenslie, 2003; Stein, 2006; Weiner & Kupermintz, 2001), do aumento de responsabilidades ou a busca de emprego (McCabe & Barnett, 2000; Seginer, 2008). No momento da saída da casa de acolhimento residencial, estas crianças e jovens deparam-se com a obrigatoriedade de assumirem responsabilidades relativamente a diversos elementos da sua vida, e este processo tende a acontecer com pouco ou nenhum apoio, e num período de tempo mais curto, quando comparado com as crianças e jovens que contam com o apoio contínuo da família (Stein, 2006). Os jovens que abandonam a instituição de acolhimento tendem a ser forçados a enfrentar todos os desafios que lhes são impostos com pouco, ou por vezes nenhum, auxílio das famílias (Benbenishty & Magnus, 2008 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011). Esta quebra ou falta de suporte familiar, juntamente com as circunstâncias de vida dos jovens (e.g., situação de acolhimento) são elementos que contribuem para que esta demanda pelo futuro se torne num processo stressante e frustrante (Benbenishty & Schiff, 2009).

Apesar da construção de perspetivas de futuro ser um elemento importante ao longo de todo o ciclo de vida, este processo ganha mais peso em tempos de crise ou de transição (Seginer, 2008; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011). Tal é o que acontece com os jovens que saem ou que estão prestes a sair da sua instituição de acolhimento, pois estes encontram-se num momento fulcral das suas vidas em que as expectativas

criadas influenciam as suas motivações e capacidade para atingirem os seus objetivos (Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011) a curto e a longo prazo.

Torna-se relevante estudar as expectativas de futuro de jovens institucionalizados, uma vez que a sua elaboração tem um forte impacto psicológico e motivacional no desenvolvimento das crianças e jovens, mas, no que diz respeito a este assunto, a investigação ainda é escassa (Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011) e os resultados por vezes contraditórios (Muller, Barboza, Oliviera, Santos & Paludo, 2009; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013). Robbins e Bryan (2004) afirmam que os resultados que encontraram ao analisarem as expectativas de futuro em jovens em risco vão de encontro aos resultados obtidos para a população em geral (i.e., estes jovens abordam temas como trabalho, educação, família e atividades de lazer). Num sentido diferente vão as conclusões de De Antoni e Koller (2000), quando referem que estes jovens apresentam expectativas de futuro mais relacionadas com a formação de família própria, embora com uma configuração e papéis diferentes relativamente aos exemplos que tinham em casa.

Alguns autores fazem uma distinção temática relativamente aos conteúdos que os jovens em situação de acolhimento tendem a verbalizar quando abordam as expectativas de futuro. Os temas mais abordados encontram-se orientados para:

- Habitação – para os jovens que abandonam o sistema de acolhimento, a estabilidade ao nível da habitação torna-se relevante, na medida em que contribui para o seu bem-estar (Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001) e para o seu desenvolvimento. Alguns jovens têm a oportunidade de voltar a viver com as suas famílias, enquanto outros optam por encontrar um espaço onde possam viver (Sulimani-Aidan, 2015). E se muitos jovens conseguem atingir a estabilidade a este nível, existem evidências de que outros se tornam sem-abrigo (Dworsky, Napolitano & Courtney, 2013; Stein, Pinkerton & Kelleher, 2000; Sulimani-Aidan, Benbenishty, Dinisman & Zeira, 2013) por não conseguirem os apoios necessários ou oportunidades que lhes permitam atingir os seus objetivos.
- Educação – a educação é um importante elemento no desenvolvimento humano, pois diminui a probabilidade de os adolescentes se envolverem

em comportamentos de risco (Kirk, Lewis, Lee & Stowell, 2011). Shimoni & Benbenishty (2011, *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015) afirmam que os jovens que abandonam o sistema de acolhimento tendem a ter resultados educacionais mais reduzidos, quando comparados com os jovens da população em geral; estes resultados mais baixos podem ter influência no abandono escolar, em múltiplas colocações em escolas, num baixo interesse de frequência do ensino superior, e até numa redução da autoestima (Stein, 2012 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015).

- Autonomia financeira – a busca pela independência financeira encontra-se fortemente associada à conquista de objetivos de futuro e à capacidade de superar desafios (Benbenishty & Magnus, 2008 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015). Muitos dos jovens que abandonam o sistema de acolhimento, tendem a deparar-se com algumas dificuldades no que diz respeito à sua independência financeira, como, por exemplo, encontram maiores obstáculos na procura de emprego, não conseguem obter um salário que lhes permita viver sem dificuldades (Courtney, Dworsky, Brown, Cary, Love & Vorhies, 2011), ajudam monetariamente as suas família, ou possuem dívidas que têm que pagar (Sulimani-Aidan, Benbenishty, Dinisman & Zeira, 2013).
- Satisfação com a vida – Diener (1984) afirmou que a satisfação com a vida é um componente importante associado ao bem-estar dos sujeitos. É importante salientar que quanto mais elevado for o nível de satisfação com a vida dos jovens que abandonam o sistema de acolhimento, melhor será a sua adaptação à vida adulta fora da instituição, o que permitirá um maior controlo e atenuação de eventos de vida mais stressantes (Huebner, 2004; Park, 2004).

De acordo com Sá (2014), crianças e jovens que são colocados em instituições de acolhimento em consequência de condições familiares adversas, sofrem psiquicamente no que diz respeito à orientação através das normas sociais e familiares. Estes fatores advêm em dificuldades na construção do seu mundo interior, o que poderá criar alguns obstáculos no que diz respeito à criação e elaboração das expectativas de futuro destes jovens. Também é relevante salientar que geralmente estes são jovens que possuem

recursos pessoais e sociais mais limitados e essas limitações podem ser fatores que têm influência nos objetivos que pretendem e conseguem atingir, bem como na forma como auto percebem o seu futuro (Sulimani-Aidan, 2015).

A grande maioria dos estudos que são realizados sobre as expectativas de futuro em crianças e jovens, não fazem discriminação do contexto sociocultural de origem dos sujeitos, o que poderá justificar a fraca literatura relativamente a esta temática em jovens em situação de acolhimento. É de salientar que o contexto sociocultural dos jovens tem um forte impacto no seu desenvolvimento, nos seus pensamentos e comportamentos, sendo o papel da família também importante para tal (Blyth & Leffert, 1995; Guzmán, 2007; Lerner & Galambos, 1998; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013). Torna-se, assim, pertinente conduzir investigações especificamente direcionadas para jovens que se encontrem em situação de acolhimento residencial. Deste modo, este estudo tem como principal objetivo a compreensão da forma como os jovens que se encontram numa situação de acolhimento residencial percebem e constroem as suas expectativas de futuro, isto é: compreender como idealizam o seu futuro (o que fantasiam e o que gostavam/pretendem que aconteça quando abandonarem a instituição); como imaginam que vai ser o seu futuro (o que vai acontecer); quais as temáticas com as quais mais se preocupam, percebendo se estas vão ou não ao encontro do referido na literatura; e procurar compreender como é que a instituição de acolhimento influencia a construção destas expectativas de futuro.

ESTUDO EMPÍRICO

Enquadramento e Objetivos do Estudo

Os comportamentos e atitudes do ser humano têm uma forte influência no seu desenvolvimento. As escolhas e decisões que são adotadas pelos indivíduos poderão ter na sua génese uma série de sentimentos e motivações que orientam para a ação. Deste modo, considera-se que pensar o futuro se relaciona amplamente com a motivação dos sujeitos para a adoção de determinadas escolhas e ações que têm impacto na sua realização futura (Bandura, 2006; Beal & Crockett, 2010; Nurmi, 1991; Seginer, 2008).

As expectativas de futuro podem ser um fator de proteção para os sujeitos, pois a criação e a idealização de pensamentos, atitudes e objetivos futuros fomentam a prática de comportamentos adaptativos e de experiências mais positivas, diminuindo, assim, a adoção de comportamentos que impliquem consequências negativas e um maior risco para o sujeito (Mahler, Fine, Frick, Steinberg & Cauffman, 2018).

No caso específico das crianças e jovens que se encontram em situação de acolhimento, o conceito de expectativas de futuro ganha uma maior relevância e carece de uma maior atenção, pois a transição para a vida adulta e autónoma acarreta inúmeros desafios em vários domínios específicos. O estudo das expectativas de futuro em jovens em situação de acolhimento torna-se bastante relevante, pois a elaboração destas expectativas manifesta-se num forte impacto psicológico e motivacional no desenvolvimento dos jovens.

Certos autores adotam uma distinção temática quanto aos conteúdos que os jovens tendem a valorizar na abordagem das expectativas de futuro. No entanto, a maioria dos estudos realizados sobre as expectativas de futuro em crianças e jovens, não fazem qualquer discriminação relativamente ao contexto sociocultural de origem dos sujeitos e, sendo este um importante indicador do desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo, torna-se, deste modo, importante que sejam realizadas investigações dirigidas a jovens que se encontram em situação de acolhimento. Desta forma, procuramos investigar e compreender de que forma é que jovens institucionalizadas, oriundas de famílias disfuncionais, percecionam as suas expectativas relativamente ao futuro.

A partir do objetivo geral supramencionado, definiram-se os seguintes objetivos específicos: compreender como estas jovens fantasiam o seu futuro (o que pretendem que aconteça); o que imaginam/acham que vai acontecer; quais as temáticas com que mais se

preocupam e sobre as quais mais pensam, procurando perceber se estas são ou não diferentes daquelas que a literatura refere; e, por fim, procurar compreender a eventual influência da instituição de acolhimento na construção das expectativas.

Metodologia

Participantes

No âmbito do presente estudo, a amostra foi selecionada com base nos critérios de seleção que versam o objetivo de ‘compreender do modo como jovens institucionalizadas percecionam as suas expectativas relativamente ao futuro’. Assim, foram definidos como critérios de inclusão as seguintes condições: a) nacionalidade portuguesa; b) jovem em situação de acolhimento residencial; c) jovem acolhida na Casa de Acolhimento Residencial Especializado Porta Mágica (doravante CARE Porta Mágica). Para constituir a amostra para o estudo, foi realizado um pedido de participação através da CARE Porta Mágica, para o qual, apenas onze jovens se mostraram disponíveis para colaborar, sendo esta a amostra final do estudo (N=11).

Todas as participantes consentiram a sua participação no corrente estudo, assinando, para tal efeito, uma declaração de consentimento informado (ver Anexo I). Por motivos de preservação da sua identidade, as participantes serão identificadas pelas letras A a K.

As participantes incluíam-se na faixa etária dos 14 aos 17 anos de idade, com a média a fixar-se nos 15,5 anos. Todas as participantes são jovens que apresentam medidas decretadas pelo tribunal de afastamento das suas famílias, e que, de alguma forma, exibem problemas relacionados com o comportamento e/ou de foro psicológico.

Caracterização Geral da CARE Porta Mágica

A CARE Porta Mágica tem como objetivo o acolhimento de crianças e jovens que foram retirados(as) às suas famílias, por ordem judicial, oferecendo-lhes um ambiente tão similar ao familiar quanto possível. Esta resposta social especializada pretende responder às necessidades educativas, de bem-estar e de desenvolvimento das crianças e jovens que acolhe.

A CARE Porta Mágica é uma resposta social especializada, pois recebe jovens com problemas de comportamento (e.g., agressividade, comportamentos disruptivos, personalidade antissocial, entre outros) e/ou com problemas do foro mental. De acordo com estas especificações, a CARE Porta Mágica apresenta capacidade para responder a

tais situações de modo funcional e eficaz, através de atividades socioterapêuticas, educativas, ludicopedagógicas e de rotina. A CARE Porta Mágica tem capacidade para acolher até 20 adolescentes do sexo feminino com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. No entanto, se o tribunal decidir que a jovem deve continuar em acolhimento ou se os técnicos decidirem que esta não se encontra preparada para abandonar a Casa (i.e., se através de pedido devidamente fundamentado ao tribunal), a medida de acolhimento pode ser alongada até aos 21 anos de idade, ou em casos muito especiais, até aos 25 anos.

Ainda é relevante salientar que a CARE Porta Mágica funciona em regime aberto, embora haja sempre um grande controlo e diversas medidas de segurança que são impostas.

Instrumento

No que diz respeito aos métodos de pesquisa qualitativa, estes são bastante variados, podendo o investigador recorrer ao uso de entrevistas (estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas), de documentos, registos ou filmes, e à observação nas suas mais variadas formas. No âmbito desta investigação, foi criada uma entrevista semiestruturada (ver Anexo II) que procurasse responder aos objetivos da mesma. Esta entrevista foi aplicada a onze jovens em situação de acolhimento residencial especializado.

A aplicação da entrevista procurou responder aos objetivos da investigação, tendo, para tal, sido previamente criadas onze categorias de estudo. Estas categorias, e consequentes subcategorias, foram desenvolvidas com base nos temas e dimensões que são comumente abordados nos estudos desenvolvidos no que diz respeito às expectativas de futuro (Benbenishty & Magnus, 2008 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015; Courtney, Dworsky, Brown, Cary, Love & Vorhies, 2011; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001; Diener, 1984; Dworsky, Napolitano & Courtney, 2013; Huebner, 2004; Janeiro, 2012; Kirk, Lewis, Lee & Stowell, 2011; Park, 2004; Shimoni & Benbenishty, 2011 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015; Stein, 2012 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015; Stein, Pinkerton & Kelleher, 2000; Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan, Benbenishty, Dinisman & Zeira, 2013). Deste modo, procurou-se compreender se as jovens entrevistadas também se preocupam e se se questionam relativamente às temáticas que são geralmente abordadas no que diz respeito às expectativas de futuro.

A entrevista semiestruturada permite que o entrevistador não se limite apenas às questões que constam no guião da entrevista (Duarte, 2004). Tal como o nome indica, o ‘guião da entrevista’ orienta o entrevistador e contém as questões essenciais para o objetivo para o qual se criou a entrevista, permitindo, desta forma, ao entrevistador conseguir obter as informações fundamentais. No entanto, a principal característica da entrevista semiestruturada é o facto de o rumo desta ser variável e adaptável de acordo com o discurso que se vai criando entre o entrevistador e entrevistado.

A entrevista semiestruturada apresenta diversas vantagens, quando comparada com outros tipos de entrevista. Destas, podemos enumerar algumas, como são, por exemplo, a capacidade que este tipo de entrevista tem de favorecer o aparecimento de respostas espontâneas, a oportunidade que cria de conhecer a perspetiva real do entrevistado relativamente ao assunto da entrevista, a facilidade que existe de adaptação da entrevista ao entrevistado e/ou às circunstâncias em que ocorre, entre outras.

Processo de Recolha de Dados

O processo de recolha de dados aconteceu em três momentos distintos. Num primeiro momento, estabeleceu-se o contacto com a CARE Porta Mágica, no sentido de se obter autorização para a realização do estudo junto de algumas das jovens que são acolhidas pela instituição (ver Anexo III). Este pedido de autorização foi devidamente fundamentado no que diz respeito à relevância e pertinência da investigação em causa.

Num segundo momento, depois de recebida a autorização do Diretor Técnico da CARE Porta Mágica para a aplicação do estudo junto das jovens, foi realizada uma visita à Casa para que pudessem ser discutidas algumas questões e para que o próprio Diretor Técnico da CARE Porta Mágica pudesse dar a conhecer a Casa, a sua pertinência, os seus objetivos e as suas funções.

Num terceiro momento, procedeu-se à execução as entrevistas. As entrevistas foram realizadas nas instalações da CARE Porta Mágica, na sala de aula, tendo sido tidos em conta todos os procedimentos éticos. As entrevistas foram registadas num gravador áudio e posteriormente transcritas para um documento digital.

Aquando a realização das entrevistas, procurou-se criar um ambiente empático e informal com as participantes para que elas se sentissem num ambiente de confiança e para que pudessem responder livremente às questões que lhes eram colocadas. Primeiramente, a investigadora agradeceu a sua presença e disponibilidade para participar

na investigação, explicou e esclareceu quaisquer dúvidas relativamente à pertinência e objetivos do estudo, fornecendo, a cada participante, o devido consentimento informado para assinar. Não foi estabelecido um tempo limite para as participantes responderem, nem se definiu respostas certas ou erradas, pois cada participante era livre de responder dentro do seu ritmo e de acordo com aquilo que achasse importante ser relatado.

Procedimentos para a Análise de Dados

Numa primeira fase, procedeu-se à transcrição das entrevistas através do registo integral dos conteúdos expressos pelas participantes, isto é, frases, expressões idiomáticas, tempos de pausa e expressões de sentimentos. Terminado este passo, iniciou-se a análise de dados de acordo com o método de análise de conteúdo (Bardin, 2016).

A análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, sejam estas verbais ou não (Silva & Fossá, 2015), e o seu objetivo consiste em: 1) produzir um síntese analítica da informação que permite fazer inferências objetivas e sistemáticas (do conteúdo manifestado nas comunicações), identificando as características e padrões específicos das comunicações realizadas; 2) reduzir informação e organizá-la, dando-lhe um sentido que permita a criação de conclusões; 3) analisar o contexto/significado da mensagem transmitida e caracterizar a influência social da mesma; 4) analisar as condições que induziram ou produziram a mensagem (Bardin, 2016).

De acordo com Bardin (2016), a análise de dados através da análise de conteúdo é constituída por várias etapas, sendo elas: 1) fase de pré-análise; 2) fase de exploração do material; e 3) fase de tratamento dos resultados e interpretação. A primeira etapa, a fase de pré-análise, tem como objetivos a organização e sistematização das ideias iniciais, bem como o estabelecimento de referenciais que permitam a interpretação dos dados recolhidos (Bardin, 2016; Silva & Fossá, 2015). Para Bardin (2016) esta fase de pré-análise é conseguida através do cumprimento de cinco elementos, sendo eles: a) leitura flutuante do material (i.e., entrevistas); b) escolha dos documentos (permite a definição do *corpus* de análise); c) formulação das hipóteses e objetivos; d) elaboração de indicadores (que permitem interpretar os dados); e e) preparação do material (i.e., tendo em conta este estudo, as entrevistas têm que ser transcritas na íntegra antes da análise propriamente dita). Finda a fase de pré-análise, segue-se a segunda etapa, a fase de exploração do material. Esta segunda fase consiste na aplicação das decisões que foram

tomadas na etapa anterior, procedendo-se a operações de decomposição do material em estudo (Bardin, 2016; Silva & Fossá, 2015). Por fim, na terceira etapa, a fase de tratamento dos dados e interpretação, procura-se “captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material” (Silva & Fossá, 2015, p.4). Nesta última fase, pretende-se, então, desenvolver interpretações de acordo com os objetivos do estudo (Bardin, 2016).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das unidades de registo obtidas através da entrevista realizada a onze jovens acolhidas na CARE Porta Mágica foi desenvolvida a partir de duas grandes temáticas de estudo, sendo 1) Perspetiva Temporal e 2) Expectativas em Relação ao Futuro. A temática ‘Perspetiva Temporal’ permite compreender a posição das jovens relativamente à sua intenção e vontade para pensarem sobre o futuro. Já a temática ‘Expectativas em Relação ao Futuro’ possibilita o conhecimento das principais temáticas abordadas pelas jovens no que diz respeito à forma como percecionam o seu futuro.

No que diz respeito à primeira temática, Perspetiva Temporal, foi possível a criação de duas categorias iniciais – ‘O lugar do futuro’ e ‘Representação do Futuro’; e, de acordo com as unidades de registo obtidas, criaram-se, ainda, subcategorias relativas a cada categoria, tendo-se obtido três subcategorias para a categoria ‘O lugar do futuro’ e cinco subcategorias para a categoria ‘Representação do Futuro’ (Tabela 1).

Tabela 1

Categorias e respetivas subcategorias obtidas para a dimensão temporal futura da Perspetiva Temporal.

Categoria	Subcategorias
O lugar do futuro	Ter lugar e iniciativa para pensar o futuro
	A importância de pensar o futuro para o poder preparar
	Não ter lugar para pensar o futuro
Representação do Futuro	Profissão que se deseja
	Voltar para a Família
	Bens materiais
	Ser feliz e realizar os seus objetivos pessoais
	Sem representação

Através da análise da Tabela 11 (ver Anexo IV) é possível identificar as categorias e respetivas subcategorias, bem como compreender as unidades de registo obtidas para a dimensão em estudo.

De acordo com os resultados obtidos no presente trabalho de investigação, quanto à categoria ‘O lugar do futuro’, foi possível verificar que a maioria das jovens assume ter lugar e iniciativa para pensar o futuro e que tal é importante para o poder preparar. Tais resultados evidenciam a necessidade, bem como a importância, que estas jovens apresentam de pensar, construir e antecipar o seu futuro, por forma a prepararem a sua saída da casa de acolhimento. Este torna-se um comportamento benéfico, uma vez que possibilita a antecipação de resultados mais positivos relativamente ao futuro, pois existem evidências claras de que sujeitos mais orientados para o futuro demonstram ser mais otimistas no que diz respeito às suas experiências (Zimbardo & Boyd, 1999), e tais evidências poderão, ainda, apontar para um funcionamento individual mais positivo. No entanto, uma pequena parte das jovens (i.e., três jovens) admite não ter lugar para pensar o futuro, justificando tal situação das seguintes formas:

B: *Não penso. (...) Acho que até é importante, mas não sei porquê.*

F: *Não [penso] muito. Já me fizeram pensar, mas como é que hei de explicar?! ... Não tenho paciência para isso.*

K: *Não [penso], porque não tenho nada para pensar.*

Tais evidências poderão apontar para um desinteresse ou uma fuga relativamente ao ‘pensar o futuro’, pois apesar de este ser um fator importante para a concretização de objetivos e para a elaboração de experiências mais otimistas relativamente ao futuro, também pode ser um motivo desencadeante de momentos de ansiedade, dúvida e receio. É importante que se tenha em conta que crianças e jovens inseridos em situação de acolhimento, advêm, muitas vezes, de condições familiares adversas e que tal poderá implicar sofrimento psíquico no que concerne à orientação através de normas sociais e familiares (Sá, 2014). Estas dificuldades e limitações poderão criar obstáculos à criação e elaboração das expectativas de futuro, bem como na forma como estas jovens auto percecionam o seu futuro. Deste modo, permite-se uma fuga para pensar o futuro por forma a não aumentar o sofrimento desencadeado pelas dificuldades impostas quanto à elaboração de pensamentos e experiências futuras.

No que concerne à categoria ‘Representação do Futuro’, através da pergunta “Quando pensas sobre o teu futuro (ou se te pedisse agora que pensasses aqui comigo sobre o teu futuro), qual é a primeira coisa em que pensas?”, as respostas formuladas pelas jovens permitiram a criação de cinco subcategorias diferentes, sendo elas: 1) Profissão

que se deseja, 2) Voltar para a Família, 3) Bens materiais, 4) Ser feliz e realizar objetivos pessoais, e 5) Sem representação (do Futuro). Estas subcategorias permitem identificar os pensamentos/ideias básicos(as) destas jovens relativamente ao seu futuro, sendo evidente que estas jovens, em algum momento da sua vida, já pensaram sobre o seu futuro, o que lhes permite criar uma representação sobre o mesmo. Tal representação sobre o futuro torna-se um elemento importante para estas jovens, pois desencadeia a elaboração de expectativas relativamente ao seu futuro no que diz respeito a diversas áreas das suas vidas (i.e., família, trabalho, relações interpessoais, etc.). É evidente que a elaboração de expectativas de futuro tem um forte impacto psicológico e motivacional no desenvolvimento das crianças e jovens, mas também é importante realçar que a investigação relativa a este tema, especificamente jovens em situação de acolhimento, ainda é escassa (Sulimani-Aidan, 2015; Sulimani-Aidan & Benbenishty, 2011), e os resultados obtidos são, por vezes, contraditórios (Muller, Barboza, Oliviera, Santos & Paludo, 2009; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglío & Sarriera, 2013). Existem autores que afirmam que as temáticas comumente abordadas por jovens em situação de acolhimento não diferem dos resultados que são encontrados para as temáticas relativas às expectativas de futuro para a população em geral (e.g., Robbins & Bryan, 2004), e que, embora as temáticas relativas às expectativas de futuro dos jovens variem de acordo com a sua idade, sexo, cultura e crenças, estas relacionam-se com domínios específicos sobre a vida futura, como o trabalho e a educação, aparecendo de seguida questões ligadas ao casamento, à construção de família, auto preocupações, atividades de lazer e aspetos materiais (Bandura, 2006; Nurmi, 1991; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglío & Sarriera, 2013). Os resultados obtidos no presente estudo vão ao encontro do que é mencionado pela literatura, uma vez que, primeiramente, as jovens referem questões mais relacionadas com o trabalho/profissão e educação. Certas temáticas não são evidenciadas aquando esta primeira reflexão sobre a representação relativa ao futuro, como é, por exemplo, o caso do casamento, a construção de família ou até as auto preocupações, mas ainda assim são abordadas durante as entrevistas, tal como será possível analisar mais adiante. Tais conclusões podem-nos indicar que, apesar das adversidades que são muitas vezes vividas pelas crianças e jovens em situação de acolhimento, não impedem que estes possam pensar o sobre o seu futuro e sobre as suas expectativas de futuro.

Apesar de se ter obtido apenas uma resposta para a subcategoria ‘Sem representação’, – **B:** *Não sei.* – tal resposta mostra consistência com uma das subcategorias anteriores, ‘Não ter lugar para pensar o futuro’, o que evidencia uma certa resistência para elaborar expectativas e experiências de futuro. Através da análise das unidades de registo para a subcategoria ‘Não ter lugar para pensar o futuro’ (ver Anexo IV), é possível notar que as respostas de três jovens (B, F e K) se enquadram nesta subcategoria; no entanto, duas delas (F e K), conseguem, posteriormente, formular uma resposta quando lhes é pedido para pensarem sobre o seu futuro (categoria ‘Representação do futuro’). Esta resposta negativa obtida pela jovem B, demonstra uma resistência para pensar o futuro que poderá ser desencadeada por diversos fatores, podendo estes serem, o sofrimento psíquico inerente à situação que levou ao acolhimento, a dificuldade em elaborar pensamentos positivos relativamente ao futuro, limitações no que dizem respeito aos recursos disponíveis para a elaboração de expectativas (e.g., exemplos positivos, incentivos para pensar o futuro), entre outros.

Relativamente à segunda temática, Expectativas em Relação ao Futuro, foram criadas previamente nove dimensões de estudo – ‘Formação/Educação’, ‘Trabalho/Emprego’, ‘Autonomia Financeira’, ‘Habitação’, ‘Relações Interpessoais’, ‘Satisfação com a Vida’, ‘Auxílios’, ‘Aspeto(s) (des)valorizado(s) relativamente ao futuro’, e por fim, ‘Encorajamento para pensar o Futuro’. De acordo com as unidades de registo obtidas, puderam ser geradas diferentes categorias e, consequentemente, subcategorias, relativas a cada dimensão. A análise da Tabela 12 (ver Anexo V) permite a identificação das unidades de registo obtidas para a dimensão Expectativas em Relação ao Futuro.

Os temas abordados pelas jovens do presente estudo não diferem dos temas regularmente abordados por crianças ou jovens em situação de acolhimento, ou até mesmo pela população em geral – i.e., habitação, educação/formação, autonomia financeira, satisfação com a vida (Bandura, 2006; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001; Huebner, 2004; Nurmi, 1991; Park, 2004; Sulimani-Aidan, 2015; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglio & Sarriera, 2013). Tal demonstra, que também estas jovens têm capacidade para construir e idealizar o seu futuro de acordo com as temáticas que são comumente abordadas pela população em geral no que diz respeito ao estudo das expectativas de futuro, podendo, desta forma, enfrentar a vida adulta e a nova realidade

aquando a sua saída da instituição de acolhimento. Ainda que as temáticas abordadas sejam as que são regularmente referidas pelas/os jovens, as respostas obtidas entre as jovens entrevistadas para o presente estudo diferem entre si, o que sugere que cada jovem formule as suas opiniões e construções relativamente a cada temática de acordo com aquilo que são as suas experiências, expectativas e desejos pessoais.

No que diz respeito à temática ‘Formação/Educação’, as respostas obtidas pelas jovens permitem diferenciar esta dimensão em duas principais categorias: 1) desejo de continuar a estudar, e 2) estudar para obter a escolaridade obrigatória, tal como é possível verificar através da análise da Tabela 2.

Tabela 2

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Formação/Educação

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Formação/Educação	Desejo de continuar a estudar	Para poder ter um curso profissional ou um curso superior com o objetivo de ter a profissão que se deseja
		Para poder ter um emprego
		Para ter formação e aprender coisas novas
		Sem ter um objetivo específico
	Estudar só enquanto for obrigatório	
	Dificuldades/Obstáculos sentidos	Disciplinas/O que ainda não sei fazer
		O facto de estar numa Instituição
		Saber ouvir os outros e prestar atenção
	Estratégias de superação das dificuldades	Estratégias centradas em si própria Estratégias centradas no poder solicitar mais o apoio do outro

Para a categoria ‘estudar para obter a escolaridade obrigatória’, obteve-se apenas uma resposta, a da jovem J, tal como é possível verificar através da análise da Tabela 12 (ver Anexo V). As restantes jovens pretendem continuar a estudar para atingirem diferentes objetivos, seja para conseguirem concluir um curso profissional ou um curso superior com o objetivo de terem a profissão que desejam, seja apenas para conseguirem

arranjar um emprego, para terem uma formação e aprender coisas novas, ou estudar apenas por que sim, sem ter um objetivo específico. Quanto a esta e a outras temáticas associadas às expectativas de futuro, é importante compreender de que forma estas jovens percecionam as dificuldades e obstáculos que lhes possam ser impostos(as) durante o seu percurso, e de que modo assimilam as estratégias que podem utilizar para contornar essas dificuldades. E, relativamente a esta temática, ‘Formação/Educação’, as jovens creem que as dificuldades que possam sentir se relacionam com o facto de se estar inserida numa instituição – **G:** (...) *por estar numa instituição(...) para ir para a universidade não é fácil (...) preciso de ter uma boa base, fazer o 10º, 12º ano (...)*, com a necessidade de aprender a ouvir o que os outros dizem e a prestar atenção – **H:** *Saber ouvir o que os outros têm para me dizer, prestar atenção, e acho que é só*, e com disciplinas difíceis e exigentes que requerem muito esforço da sua parte:

A: (em risos) *A Educação Física; tenho muitas dificuldades.*

B: *Conseguir tirar boas notas.*

C: *A matemática e o Inglês.*

D: *Sei lá...pratos que eu ainda não sei cozinhar. Depois também acho que lá no IEFP vou ter muitas disciplinas, não sei quais, por isso, isso também me preocupa.*

E: *A matemática. Não me dou bem com a matemática.*

F: *A matemática.*

I: *Acho que mais a parte das ciências, porque matemática eu sou boa (...), ciências é aquilo que tenho mais dificuldade.*

J: *A matemática é difícil.*

K: *Há tantas coisas...sei lá. Disciplinas difíceis.*

Para confrontarem estas dificuldades as jovens acreditam que as suas estratégias passem por soluções centradas em si próprias, ou por estratégias centradas no poder solicitar mais apoio e ajuda do outro. Há, ainda, jovens que acreditam que a combinação do seu próprio esforço com o auxílio do outro poderá ser a solução para ultrapassarem as suas dificuldades associadas a esta temática da educação/formação, tal como é possível verificar através das respostas desenvolvidas pelas jovens C, H e K.

C: *Estudar, pedir ajuda.*

H: *Pedir ajuda quando eu preciso, e saber lidar com isso. E ficar mais atenta*

K: *Estudar e perguntar mais aos professores.*

A educação/formação tem um elevado peso no desenvolvimento humano, uma vez que existem evidências de que esta diminui a probabilidade de os sujeitos se envolverem em comportamentos de risco (Kirk, Lewis, Lee & Stowell, 2011). Porém, há autores que afirmam que os jovens que abandonam o sistema de acolhimento tendem a ter resultados escolares e educacionais mais baixos, quando comparados com os restantes jovens da população em geral (Shimoni & Benbenishty, 2011 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015), e estes resultados podem resultar em abandono escolar, em múltiplas colocações em escolas, num baixo interesse de frequência no ensino superior, e até numa redução da autoestima (Stein, 2012 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015). Posto isto, as jovens que participaram no estudo vêm contrariar o que é indicado pela literatura, pois elas pretendem seguir estudos para conseguirem atingir os seus objetivos, seja a nível pessoal ou profissional, estando, maioritariamente, cientes das dificuldades que podem encontrar nos seus caminhos, mas por outro lado, também sentem que têm as ferramentas necessárias para as ultrapassar. Também é relevante procurar compreender por que razão apenas uma jovem afirma que só pretende estudar para conseguir obter a escolaridade obrigatória; é curioso perceber que esta foi também a única jovem que afirmou que não sabia como superar as dificuldades que lhe poderiam ser apresentadas ao longo do percurso escolar – afirma que ‘não é muito de estudar’, mas que ainda assim, ‘poderia sempre fazer um esforço’; apesar que querer seguir uma profissão que exige alguns conhecimentos mais específicos, esta pode ser a principal razão pela qual não pretende continuar a estudar, o facto de não ter interesse pelos estudos, de não gostar de estudar. Esta resistência para continuar a estudar poderá ter um impacto negativo no futuro desta jovem no que diz respeito à concretização de objetivos, sobre tudo a nível profissional, pois poderá não conseguir a profissão que deseja por não ter o nível de estudos necessário, nem a formação adequada para poder exercer o que pretende.

A análise da Tabela 3 permite identificar as categorias e subcategorias criadas para a dimensão ‘Trabalho/Emprego’.

Tabela 3

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Trabalho/Emprego

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Trabalho/Emprego	Profissão/Emprego desejada(o)	Poder conseguir atingir objetivos profissionais
		Sem ter ainda algo bem definido
	Dificuldades/Obstáculos sentidos	Dificuldades Académicas
		Dificuldades na procura de trabalho/Falta de oportunidades
		Sem noção de dificuldades/obstáculos
		Características próprias
	Estratégias de superação das dificuldades	Estratégias centradas em si própria
		Inicialmente ter outro trabalho que não logo o pretendido
		Procurar outra solução/Pedir ajuda
		Sem noção de estratégias a adotar

Em relação à dimensão ‘Trabalho/Emprego’, duas jovens não têm ainda bem definido o que pretendem para o seu futuro relativamente a esta temática,

F: *Tenho algumas coisas em mente...mecânico, bombeiro...*

K: *Não sei...mas algo a ver com a dança e desporto.*

enquanto as restantes já estabeleceram objetivos específicos quanto à profissão/emprego que pretende para o seu futuro.

Esta é uma temática que também pode acarretar algumas dificuldades para estas jovens, sendo que, no presente estudo é possível se fazer uma diferenciação entre dificuldades académicas (i.e., dificuldades ao nível da educação que se podem refletir nas notas escolares, na obtenção de um grau académico, ou até na entrada no curso pretendido), dificuldades na procura de trabalho/falta de oportunidades, características pessoais que impedem de conseguir o emprego desejado – **F:** *No bombeiro é as vertigens (...)* – ou ainda, na falta de noção relativamente a dificuldades que possam surgir - **E:** *Não sei que dificuldades posso encontrar.* No entanto, e tendo em conta que a grande maioria das jovens tem noção das dificuldades que possam surgir no que concerne a esta

temática, já foram pensadas algumas estratégias de superação das mesmas; estas estratégias de superação de dificuldades passam pela criação e aplicação de estratégias pessoais centradas nas próprias jovens, como por exemplo – **A:** *Tenho que me esforçar mais*, por inicialmente se ter outro trabalho que não logo o pretendido – **C:** *Não vou desistir de ser educadora de infância, mas vou ter que trabalhar noutra coisa até conseguir ser educadora*. ou por procurar outra solução ou pedir auxílio – **H:** *Não sei...procurar pessoas, procurar sítios, pedir ajuda*.

Erikson (1971, *cit. in* Locatelli, Bzuneck & Guimarães, 2007) afirmou que as que poderão existir diversas dificuldades no que toca à definição da profissão a seguir no futuro durante o período da adolescência, mas, ainda assim, considerava ser esta a fase ideal para essa mesma escolha. No entanto, Steinberg e Morris (2001) consideram que a formação da identidade profissional não tem que ser necessariamente desenvolvida apenas durante a adolescência, podendo sim, estender-se para a idade adulta ou quando o sujeito já tenha ponderado todos os fatores associados a esta escolha profissional. A escolha de uma determinada atividade profissional para realizar no futuro pode ser um elemento relevante para outras áreas ligadas à vida dos sujeitos, pois permite que estes cumpram determinados objetivos e que definam metas concretas para conseguirem atingir a profissão desejada. O facto de algumas jovens ainda não terem definido que profissão querem seguir no futuro, pode interferir com certas escolhas que estas terão que fazer, por exemplo, a nível académico. E, por consequente, todos estes fatores podem contribuir para o aumento da ansiedade e angústia relativos à ambiguidade ou inexistências das suas expectativas para o futuro.

De acordo com a literatura, muitos dos jovens que abandonam o sistema de acolhimento, deparam-se com diversas dificuldades no que diz respeito à constituição da sua independência financeira, encontrando, por exemplo, maiores obstáculos na procura de emprego, ou não conseguindo obter um salário que lhes permita viver sem dificuldades (Courtney, Dworsky, Brown, Cary, Love & Vorhies, 2011). E também é preciso notar que alguns destes jovens ajudam monetariamente as suas famílias, ou possuem dívidas que têm de pagar (Sulimani-Aidan, Benbenishty, Dinisman & Zeira, 2013). Posto isto, a aquisição de independência financeira de jovens em situação de acolhimento ganha um papel importante no que diz respeito à conquista de objetivos no futuro, bem como à superação de desafios (Benbenishty & Magnus, 2008 *cit. in* Sulimani-Aidan, 2015).

A Tabela 4 permite identificar as categorias e subcategorias geradas através da análise das unidades de registo para a dimensão ‘Autonomia Financeira’.

Tabela 4

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Autonomia Financeira

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Autonomia Financeira	Importância de ser financeiramente autónoma	É importante ter o meu próprio dinheiro/Imagino-me a ter o meu dinheiro
		Não é importante ter o meu próprio dinheiro/Não me imagino a ter o meu dinheiro
	Dificuldades/Obstáculos sentidos	Gestão do dinheiro
	Estratégias de superação das dificuldades	Estratégias centradas em si própria – poupar/juntar dinheiro
		Estratégias centradas em poder solicitar ajuda/apoio
		Ter mais do que um trabalho para conseguir ter dinheiro
		Sem estratégias definidas

Para estas jovens, em geral, é importante serem financeiramente autónomas, e estas respostas que defendem a importância da independência financeira podem ser entendidas como sendo um fator que beneficia a conquista de objetivos futuros, pois a estabilidade a este nível possibilita a concretização de diversos projetos. Para estas jovens, a gestão do seu próprio dinheiro, será a sua maior dificuldade e aquilo por que têm de lutar para conseguirem atingir os seus objetivos de vida – este obstáculo associado à gestão poderá estar relacionado com a dificuldade em fazer contas (que permitam uma boa gestão do dinheiro disponível para todas as despesas fixas e para os extras), com a quantidade de despesas que poderão surgir, ou com tendência para se gastar mais dinheiro do que aquele que realmente se tem. No entanto, as jovens têm, também, já definidas algumas estratégias que as permitam superar estas dificuldades, como poupar/juntar dinheiro, solicitar ajuda/apoio a familiares, ou ter mais do que um emprego para conseguir

o dinheiro necessário para todas as despesas. Ainda assim, obtiveram-se respostas de jovens que ainda não pensaram ou delinearam estratégias de combate às dificuldades associadas à autonomia financeira no seu futuro – o facto de estas jovens não terem que lidar de forma direta com as despesas associadas às suas necessidades, implica que não tenham uma noção tão clara das diferentes estratégias que podem adotar, assim como das reais dificuldades que possam surgir.

B: *Não sei...nunca pensei sobre isso.*

E: *Não sei, nunca é fácil gerir o dinheiro porque temos sempre muitas despesas...não sei.*

H: *Não sei, nunca pensei nisso.*

Importa salientar que, relativamente a esta temática da independência financeira, se obteve apenas uma resposta que indica uma falta de perceção quanto à própria autonomia financeira no futuro – **D:** *Não me imagino a ter o meu dinheiro.* Ainda assim, as restantes respostas desta jovem para esta temática apontam para uma definição clara dos obstáculos que lhe poderão ser impostos, bem como para o estabelecimento de estratégias de superação dessas mesmas dificuldades. Esta negação face à possibilidade de gestão do seu próprio dinheiro poderá ser causada pelas responsabilidades acrescidas que os jovens/adultos independentes têm comparativamente aos sujeitos que não ganham o seu próprio dinheiro e que não têm de fazer uma gestão autónoma do dinheiro que têm disponível.

No que concerne à dimensão ‘Habitação’, esta também ganha um destaque especial, pois encontra-se ligada ao bem-estar e desenvolvimento dos jovens que abandonam a instituição de acolhimento (Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001). Através da análise da Tabela 5 é possível a identificação das categorias e subcategorias criadas para a dimensão ‘Habitação’.

Tabela 5

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Habitação

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Habitação	Idealização do	Voltar a viver com a família
	futuro quanto à	Viver sozinha
	habitação	Partilhar casa

	Voltar a viver com a Família até poder viver com o(a) companheiro(a)
	Conseguir encontrar uma casa/quarto barata(o)
Dificuldades/Obstáculos sentidos	Conseguir ter dinheiro para tudo
	Ter capacidade de tomar boas decisões e escolher as boas opções
	Sem noção de dificuldades
Estratégias de superação das dificuldades	Dividir despesas
	Conseguir ter logo um emprego para poder ter dinheiro
	Sem definição de estratégias

Relativamente a esta temática, as repostas facultadas pelas jovens do presente estudo são bastante distintas, mas a literatura também nos diz que aquando a saída da instituição de acolhimento o desfecho associado a este assunto poderá ser diferente consoante o caminho que os/as jovens seguirem; alguns/umas jovens têm a oportunidade de voltar a viver com as suas famílias, outros/as optam por procurar um espaço onde possam viver (Sulimani-Aidan, 2015), e aqueles/as que não conseguem atingir a estabilidade a este nível podem tornar-se sem-abrigo (Dworsky, Napolitano & Courtney, 2013; Stein, Pinkerton & Kelleher, 2000; Sulimani-Aidan, Benbenishty, Dinisman & Zeira, 2013). No que toca à idealização do futuro ao nível da habitação, tal como é possível analisar através das unidades de registo identificadas na Tabela 12 (ver Anexo V), as respostas das jovens variam entre voltar a viver com a família, voltar a viver com a família até poder ir viver com um(a) companheiro(a), viver sozinha, e partilhar casa.

Esta é uma temática que pode levantar algumas questões, pois qualquer que seja a decisão que as jovens tomem relativamente a este assunto, ela irá influenciar todo o seu percurso e bem-estar. Deste modo, torna-se relevante compreender a noção que estas jovens têm no que diz respeito às dificuldades que podem encontrar, pois esta é uma decisão que impõe algum sentido de responsabilidade e de orientação. Posto isto, as dificuldades relatadas pelas jovens dizem respeito à procura de uma casa/quarto barata(o), dentro das suas possibilidades, e ao facto de conseguirem ter capacidade para tomar boas

decisões e escolher as melhores opções. Entre outras, estes são, de facto, possíveis desafios que se podem impor quando se aborda esta temática sobre a habitação e a escolha de um local onde viver. Ainda assim, há respostas de jovens que evidenciam uma falta de noção relativamente às dificuldades que podem encontrar no que toca à dimensão ‘Habitação’:

B: *Não sei.*

D: *Acho que não vou ter.*

F: *Acho que não ia encontrar, acho que temos uma boa relação [entre a família].*

H: (Encolher de ombros como quem diz ‘não sei’).

Seja porque vai viver com a família e essa relação é positiva, ou porque já se têm o caminho a seguir delineado, há jovens que acreditam que não vão encontrar dificuldades no que concerne à escolha de um lugar/sítio onde viver. É claro que estas respostas podem evidenciar uma segurança e confiança relativamente às escolhas que fizerem para o futuro, como também pode demonstrar uma falta de noção dos desafios diariamente impostos pelas escolhas relacionadas com esta temática, como, por exemplo, a procura e escolha do local onde viver, a manutenção do bem estar familiar quando se escolhe voltar a viver com a família, ou as responsabilidades associadas à escolha de uma vida independente (e.g., pagamento de despesas). Quanto às estratégias de superação de destas dificuldades e obstáculos definidos pelas jovens, estas encontram-se ligadas à divisão de despesas com outra(s) pessoa(s), e à procura de trabalho para conseguir ter dinheiro para suprimir as suas necessidades. Uma vez que os obstáculos que as jovens relataram se encontram, de certa forma, relacionados com questões monetárias, também as suas respostas no que diz respeito à superação desses mesmos obstáculos se orientam para esse assunto (i.e., o dinheiro disponível). No entanto, estas estratégias de superação de obstáculos tendem a ser vagas, pois as jovens apenas se focam na questão monetária, não colocando em causa outros assuntos que poderão estar relacionados com o seu bem estar e desenvolvimento, como, por exemplo, a relação com a família, amigos, ou quem escolher para viver consigo, a manutenção do espaço que escolhem para viver, entre outros. Apesar desta temática, ‘Habitação’, estar relativamente bem definida pelas jovens e de, certa forma, se relacionar com o que é relatado pela literatura, ainda existem diversas lacunas que deveriam ser mais desenvolvidas, pois não basta apenas encontrar um sítio onde viver, escolher com quem viver e conseguir ter dinheiro disponível para suportar as

despesas, existem outros aspetos relacionados com este assunto que não são, de todo, abordados pelas jovens e que influenciam o seu bem estar e desenvolvimento futuros.

Para introduzir a temática relativa às ‘Relações Interpessoais’, é importante realçar neste ponto, que, geralmente, crianças e jovens são colocadas em instituições de acolhimento em consequência de condições familiares adversas (Sá, 2014); mas, apesar de a CARE Porta Mágica ser uma resposta social especializada que recebe jovens com problemas de comportamento e/ou com problemas do foro mental, estas são condições que podem dificultar o bem estar familiar, as relações com a amigos e o desenvolvimento em geral das crianças e jovens em questão. As relações interpessoais das crianças e jovens em situação de acolhimento são um importante fator de proteção, pois, tal como a habitação e outras temáticas, contribuem fortemente para o desenvolvimento e bem-estar dos sujeitos. É, muitas vezes, a estas relações que os jovens que abandonam o sistema de acolhimento recorrem para obterem o auxílio e conforto necessários. Para simplificar a interpretação desta temática, ela foi analisada em dois pontos fundamentais, a ‘Relação com a Família’ e a ‘Relação com os Amigos’, tal como é possível verificar através da análise da Tabela 6.

Tabela 6

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Relações Interpessoais

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Relações Interpessoais	Relação com a Família	Existe uma boa relação a família
		Não há uma boa relação que possibilite voltar a viver com a família
	Dificuldades sentidas na relação com a Família	Dificuldade de relacionamento com um ou mais membros da família
		Dificuldade de relacionamento com os outros e que coloca em causa o bem-estar da família
		Sem noção de dificuldades
	Desejo de Constituir Família	Querer casar, ter filhos
		Não é, para já, uma prioridade
		Sem representação

Relação com os Amigos	Tenho uma boa relação com os meus amigos/Vou ter uma boa relação com os meus amigos
	Não tenho amigos/Ainda não encontrei os verdadeiros amigos
	Importância dada à relação com os amigos

Relativamente à categoria ‘Relação com a Família’, a maioria das jovens afirma que existe uma boa relação com a família, contrapondo a três respostas que afirmam o contrário, isto é, que não existe uma boa relação com a família, o que, consequentemente, não permitirá a possibilidade de voltar a viver num ambiente saudável com a família:

E: *Já pensei em voltar para a minha família, mas não ponho muito essa hipótese. Porque eu e o meu pai não nos damos bem.*

G: *Tenho uma boa relação com a minha família, mas não a longo prazo. Eu sou complicada, e a minha família é complicada.*

K: *A família já não existe.*

Tal como referido anteriormente, estas jovens foram colocadas na instituição de acolhimento devido à presença de problemas de comportamento e/ou problemas do foro mental. É importante referir que estas são condições que dificultam o normal funcionamento dos sujeitos, colocando em causa diversos aspetos relacionados com o seu desenvolvimento e o seu dia-a-dia. A presença de condições disruptivas, e no que toca à relação com a família, pode dificultar o relacionamento entre sujeitos e o bem-estar físico e psíquico dos mesmos, afetando, deste modo, o desenvolvimento. Enquanto a maioria das jovens acredita que existem condições para que exista uma boa relação com os restantes membros das suas famílias, duas jovens têm uma clara noção de que tal não seria possível, isto porque já terão vivido experiências que as levam a acreditar que o relacionamento familiar não é saudável nem possível no futuro. No entanto, apesar de a grande maioria das jovens afirmar que tem e que consegue manter uma boa relação com a sua família, algumas têm noção de que podem encontrar algumas dificuldades, sejam elas dificuldades de relacionamento com um ou mais membros da família (E e I), sejam dificuldades de relacionamento com os outros e que coloca em causa o bem-estar da família (D):

E: (...) eu e o meu pai não nos damos bem.

I: Acho que ia encontrar dificuldades com a minha mãe. A minha mãe e eu sempre tivemos muitas discussões e nunca soubemos lidar uma com a outra. Mas sinto que consigo ter o apoio dela na mesma.

D: A minha maior dificuldade seria a escola, nunca lidei muito bem com a escola, com as pessoas da escola – arranjava sempre confusão (...). Mas era capaz de controlar isso para poder estar junto da minha família.

Este ponto relativo à Relação com Família torna-se importante não só para compreender a dinâmica familiar destas jovens, que, para a grande maioria das jovens é positiva, como também se torna útil para entender a interpretação que estas jovens constroem no que diz respeito à construção da sua própria família. Apesar de haver jovens que ainda não tenham uma representação (D e K) sobre esse tema ou jovens para quem tal não é, para já, uma prioridade (G), a maioria das jovens mostra desejo por construir a sua própria família, isto é, de casar/juntar-se com outra pessoa e/ou ter filhos.

D: Não sei.

K: Não penso nisso.

G: Eu sou mais interessada no meu futuro e isso talvez fique em décimo primeiro lugar.

Para diversos autores, apesar de as questões ligadas ao casamento e à construção de família não serem entendidas como sendo fatores prioritários quando se aborda o assunto das expectativas de futuro, estas são comumente abordadas pelos/as jovens (Bandura, 2006; Nurmi, 1991; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013). Este é um ponto que se encontra ligado a diversas mudanças e a um crescimento das responsabilidades a ele associadas, e o facto de algumas jovens afirmarem que ainda não pensaram sobre o assunto ou que essa não é uma questão que, para já, se coloca em causa, poderá demonstrar uma fuga a esse acréscimo de responsabilidades ou o receio de poder falhar perante o outro, colocando em causa o seu próprio bem estar, assim como o bem estar e desenvolvimento do outro.

No que diz respeito à Relação com os Amigos, esta conexão é importante para o bem-estar pessoal dos sujeitos e, quanto a isso, a maioria das jovens afirma que tem uma boa relação com os seus amigos e que tal relação poderá manter-se no futuro. Por outro

lado, duas jovens afirmam que, por razões próprias, não têm amigos, ou ainda não encontraram os verdadeiros amigos:

A: *Eu mudei muitas vezes de casa, mas quando saio nunca levo amigos porque ainda não encontrei os amigos verdadeiros.*

G: *Não tenho amigos. Não tenho amigos porque eu não sou fácil em me dar a amigos (...). Eu tenho pessoas conhecidas, pessoas que são um pouco íntimas, mas não tenho amigos.*

São diversas as questões que podem estar associadas ao sentimento de não ter amigos próximos, no entanto estes são elementos importantes na vida dos sujeitos pois as relações de amizade saudáveis possibilitam o desenvolvimento e bem estar físico e psíquico dos sujeitos, o que, juntamente com outros fatores, permitirá a concretização de objetivos de futuro.

Em 1984, Diener afirmou que a componente satisfação com a vida é um importante fator associado à saúde psíquica e ao bem-estar dos sujeitos. A realização pessoal e a concretização de objetivos são dois fatores que se encontram inteiramente ligados ao nível de satisfação com a vida, pois quanto maior o sentimento de realização pessoal, maior o nível de satisfação com a vida; o mesmo acontece no que diz respeito à concretização de objetivos – a realização dos mesmos permite uma maior sensação de bem-estar pessoal (e/ou profissional), o que se concretiza num maior nível de satisfação com a vida.

A análise da Tabela 7 permite a identificação da categoria e respetivas subcategorias formuladas para a dimensão ‘Satisfação com a Vida’.

Tabela 7

Categoria e subcategorias, obtidas para a dimensão Satisfação com a Vida

Dimensão	Categoria	Subcategorias
Satisfação com a Vida	Realização pessoal/Objetivos para ser feliz	Poder estar com a família/Poder ajudar a família
		Ter a(o) profissão/emprego que desejo
		Constituir família
		Sem representação/Sem representação definida

Para as jovens do presente estudo a sua realização pessoal e concretização de objetivos pessoais para serem felizes associam-se a diversos fatores como: poder estar com a família/poder ajudar a família, como por exemplo – **C:** *Para ser uma pessoa feliz, tinha que sair daqui com alguma coisa, e voltar para ao pé da minha família. Ajudar as minhas irmãs e levar alguma coisa daqui de dentro lá para fora e poder ensinar aquilo que não me ensinaram a mim em pequena – dar às minhas irmãs aquilo que eu não tive, ter a(o) profissão/emprego desejado, ou constituir família. Ainda assim, surgiram respostas que indicam que ainda não existe uma definição concreta daquilo que é necessário para se atingir um nível adequado de satisfação com a vida:*

B: *Não sei.*

J: *Sei lá...não sei. Nunca pensei muito sobre esse assunto. Não sei...não faço ideia.*

É importante salientar que quanto mais elevado for o nível de satisfação com a vida dos jovens que abandonam o sistema de acolhimento, melhor será a sua adaptação à vida adulta fora da instituição, o que permitirá um maior controlo e atenuação de eventos de vida mais stressantes (Huebner, 2004; Park, 2004). No entanto, respostas que não demonstram qualquer definição dos fatores que possam estar associados ao bem estar pessoal e à felicidade em geral, podem ser indicadores de uma ausência daquilo que é verdadeiramente importante no futuro (e.g., motivações, acontecimentos, desejos) para que se atinja níveis satisfatórios de bem estar. Posto isto, este é um conceito que poderá gerar algumas questões no futuro, pois o facto de não existirem noções concretas dos elementos que são essenciais para gerar maiores níveis de satisfação com a vida, pode levar à criação de dúvidas relativamente às escolhas a fazer, a dificuldades em superar obstáculos de forma adequada e eficaz, e à criação de metas ambíguas, o que, consequentemente, poderá originar dificuldades para atingir objetivos concretos a diferentes níveis.

São vários os autores que afirmam que, para as crianças e jovens que se encontram em situação de acolhimento, a transição para a vida adulta e autónoma pode ser um momento difícil em muitos domínios específicos, como a nível social, da educação, da procura de casa (Courtney & Dworsky, 2006; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001; Mason, Castrianno, Kessler, Holmstrand, Huebner, Payne, Pecora, Schmaltz & Stenslie, 2003; Stein, 2006; Weiner & Kupermintz, 2001), do aumento de

responsabilidades ou a busca de emprego (McCabe & Barnett, 2000; Seginer, 2008). Aquando o abandono da instituição de acolhimento, crianças e jovens defrontam-se com a obrigatoriedade de assumirem diversas responsabilidades e de enfrentarem todos os desafios impostos, e este processo tende a acontecer com pouco ou nenhum apoio, e num espaço de tempo relativamente curto. É importante referir que este suporte, este apoio, não se refere apenas à ajuda financeira que os jovens tanto precisam, mas também a todo o auxílio ao nível emocional, da habitação, de confronto de obstáculos, entre outros. Posto isto, a Tabela 8 permite identificar as categorias e subcategorias originadas através da análise das unidades de registo obtidas para a dimensão ‘Auxílios’.

Tabela 8

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Auxílios

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Auxílios	Apoio(s) no futuro para conseguir atingir objetivos e/ou suprimir necessidades	Sinto que vou ter o(s) apoio(s) que preciso no futuro
		Sinto que não vou ter o(s) apoio(s) que preciso no futuro
		A Família
	Quem/o quê pode ajudar/apoiar em caso de necessidade	Os/As amigos/as
		Educadores e técnicos da CARE Porta Mágica
		Estaria dependente si própria
		Pessoas de confiança

É de salientar que a grande maioria das jovens acredita que tem, e que irá continuar a ter no futuro, o(s) apoio(s) necessário(s) para conseguirem atingir os seus objetivos e/ou suprimir as suas necessidades, e que tal(ais) apoio(s) podem resultar do auxílio de diversas pessoas e/ou identidades, como a família, os/as amigos/as, os/as educadores/as e técnicos/as da instituição de acolhimento (i.e., CARE Porta Mágica), ou até de pessoas de sua confiança. Ainda assim, é necessário referir que há jovens que acreditam que não terão o(s) apoio(s) necessários no futuro (C, G e H) e que irão depender de si próprias

(i.e., não podem contar com o apoio de ninguém, apenas com o seu trabalho e esforço – B e G):

B: *Voltava a fazer tudo para conseguir atingir os meus objetivos.* [para responder a quem/o quê pode ajudar/apoiar em caso de necessidade]

C: *Eu acho que não [vai ter os apoios necessários], porque por mais que eu tome uma decisão, tipo metade da minha família vai estar contra e amigos também me vão dar opinião, e sinto que metade deles também me vão virar as costas. (...)*

G: *Não [acha que vai ter os apoios necessários]. Eu acho que com os 17 anos que eu tenho, eu acho que tenho que começar a depender mais de mim do que das outras pessoas. Depender dos apoios, é continua a depender das pessoas para o resto da vida. É que nem a depender da Segurança Social em Portugal. (...) Vou começar de novo, começar de novo, começar de novo, e ver o que é que está a dar errado, e ver o que é que eu estou a fazer de errado e pensar, sentar e pensar. (...)*

H: *(...) acho que no futuro não vai ser o mesmo. Todos os apoios que tive aqui não vou ter lá fora.*

Esta falta de suporte associada às circunstâncias de vida dos jovens, são fatores que contribuem para que todo o processo de descoberta do futuro seja um caminho stressante e frustrante (Benbenishty & Schiff, 2009), pois muitos estarão sozinhos, tendo que tomar decisões que nunca antes foram sua preocupação, e tendo que fazer escolhas que influenciam de forma direta ou indireta o seu próprio desenvolvimento e bem estar. Aquando a saída da instituição de acolhimento, para estas jovens, o aumento de responsabilidades e o desenvolvimento de autonomia, associados à falta de apoios, poderá desencadear níveis de frustração e ansiedade que terão implicações nas suas tomadas de decisão e no cumprimento de objetivos futuros. O facto de, atualmente, existir um sentimento de que no futuro não haverá apoios aos quais se possa recorrer em caso de necessidade, poderá já ser um fator que limite as escolhas e as decisões que são tomadas no presente, o que coloca obstáculos na planificação e concretização de expectativas de futuro, não permitindo, desta forma, atingir níveis satisfatórios de felicidade e concretização, seja a que nível for.

Outro aspeto que também se pensou ser interessante compreender relativamente às jovens do presente estudo, foi os aspetos que, para elas, são mais e menos valorizados

quanto ao seu futuro. As respostas obtidas para esta questão foram interessantes, pois se para algumas, por exemplo, a família é a temática que terá mais importância e mais peso no seu futuro, para outras, é exatamente o oposto, ou seja, acreditam que no futuro a família não será importante. A Tabela 9 permite compreender a distinção temática que as jovens fazem relativamente ao que será mais e menos importante para elas no futuro através da análise das categorias e subcategorias criadas para a dimensão ‘Aspeto(s) (des)valorizado(s) relativamente ao Futuro’.

Tabela 9

Categorias e subcategorias, obtidas para a dimensão Aspeto(s) (des)valorizado(s) relativamente ao Futuro

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Aspeto(s) (des)valorizado(s) relativamente ao Futuro	Tema que terá mais importância no futuro	A Família
		Os Amigos
		Conseguir o curso pretendido
		Conseguir o emprego pretendido
		Todos os temas vão ser importantes
		Saber lidar com a vida no exterior da CARE Porta Mágica
		Os Amigos
		A Família
		Nenhum tema tem menos importância
		Pessoas tóxicas
		Ainda sem definição
	Tema que mais preocupa relativamente ao futuro	Conseguir trabalho/o emprego pretendido
		Conseguir estar com a Família
		Os estudos
		Conseguir ter uma casa

	Não conseguir ter dinheiro para todas as despesas
	Acreditar que uma coisa vai acontecer e no fim não se concretizar
	Conseguir atingir os meus objetivos vs. falhar

É interessante ver como as perspetivas de cada jovem, bem como, as suas experiências de vida, influenciam as suas escolhas, tornando as respostas tão variadas e tão contraditórias entre si, pois o que para umas se torna mais importante no futuro, para outras não terá assim tanta relevância. Neste ponto é possível identificar a criação de um padrão, pois, por exemplo, para as jovens para as quais a família se torna no elemento mais importante no futuro, seja pela manutenção de relações, seja pelo apoio que esta fornece, os amigos serão o elemento que perde relevância, e vice-versa; e é evidente que estas respostas que dão primazia à família, são as que anteriormente também afirmaram que a relação com a família era boa e que seria possível manter uma boa relação no futuro.

Quando se questionou as jovens relativamente à temática que mais as preocupa relativamente ao seu futuro, ou seja, não tem que ser aquela que tem maior ou menor importância, mas sim aquela, ou aquelas, que neste momento, no presente, as mais preocupa, aquela em que mais pensam, também se geraram respostas bastante distintas entre si; relativamente a este ponto, as respostas variam entre conseguir o trabalho/emprego pretendido, ter a oportunidade de estar com a família, os estudos, conseguir ter uma casa, não conseguir ter dinheiro para suprimir todas as despesas e necessidades, conseguir atingir objetivos pessoais ao invés de falhar, e ainda o facto de muitas vezes acreditar que algo vai acontecer e no fim não se concretizar.

Uma vez que a instituição de acolhimento é um espaço de habitação temporário, isto é, as jovens não permanecem na CARE Porta Mágica toda a sua vida, é importante que estas se preparem e recebam as ferramentas e estímulos necessários para enfrentarem os desafios do dia-a-dia aquando a sua saída do sistema de acolhimento. E, tendo em conta que é à medida que o ser humano vai crescendo que se cria uma visão mais clara do mundo e do seu futuro, a criação de expectativas de futuro funcionarão como um suporte para a construção e fixação de objetivos, e para a tomada de decisões que terão

impacto nas ações e escolhas dos sujeitos (Laghi, Pallini, D'Alessio & Baiocco, 2011; Seginer, 2000). Posto isto, é evidente que a instituição de acolhimento tem, assim, a função de motivar as jovens acolhidas a pensarem sobre as suas expectativas de futuro, a idealizarem sobre o seu futuro, quando saírem da casa de acolhimento. Deste modo, é importante compreender de que forma as jovens do presente estudo percecionam o papel da instituição de acolhimento, a CARE Porta Mágica, na sua motivação para pensarem sobre o futuro e sobre as suas expectativas relativamente ao futuro. A Tabela 10 permite a identificação da categoria e subcategorias que foram geradas para analisar a dimensão 'Encorajamento para pensar o Futuro'

Tabela 10

Categoria e subcategorias, obtidas para a dimensão Encorajamento para pensar o Futuro

Dimensão	Categoria	Subcategorias
Encorajamento para pensar o Futuro	Influência da Instituição de Acolhimento para pensar o Futuro	A CARE Porta Mágica incentiva a pensar sobre o Futuro/Expectativas de Futuro
		A CARE Porta Mágica faz-me pensar sobre o meu Futuro, mas não demonstro grande interesse em fazê-lo
		Não sinto que a CARE Porta Mágica me faça pensar sobre o meu futuro

No que diz respeito a esta questão, a maioria das jovens sente que a CARE Porta Mágica as incentiva a pensarem sobre o seu futuro e sobre as suas expectativas de futuro, com o intuito de as prepararem para a sua saída da casa de acolhimento. Duas jovens (F e K) admitem tal incentivo por parte da instituição de acolhimento, mas não demonstram interesse em participar ativamente no que toca a esta temática, ao passo que uma jovem (B) afirma que nunca sentiu que a instituição de acolhimento, a incentivasse a pensar sobre o seu futuro e sobre as suas expectativas de futuro:

B: *Nunca senti que aqui [CARE Porta Mágica] me fizessem pensar sobre o meu futuro e sobre aquilo que eu quero.*

F: *Às vezes fazem pensar; quando tenho atendimento com uma senhora daqui ela pergunta-me, só que só penso nisso quando ela pergunta (...). Quando falam comigo sobre isso, eu fico tipo... 'yah, ainda é muito cedo para pensar nisso, tenho tempo'*

K: *(...) Mas os técnicos também [fazem pensar sobre o futuro], mas às vezes não participo nas atividades. [Razão por que fazem pensar] Se calhar para ser alguém na vida, se calhar para ser diferente do dia-a-dia.*

É curioso perceber que estas respostas estão associadas a respostas mais básicas e pouco desenvolvidas no que diz respeito às expectativas de futuro em concreto, isto é, daquilo que se pretende que aconteça no futuro, na forma como conseguir atingir essas expectativas e os caminhos a seguir. Para estas jovens, a saída da instituição de acolhimento pode ser sinónimo de aumento das responsabilidades e de construção de vida independente, o que torna o futuro um fator de incerteza e de sentimentos de desamparo, ansiedade e angústia. Tal é demonstrado através das suas respostas, pois há uma fuga evidente para pensar sobre o futuro quando tal tarefa lhes é solicitada, seja por técnicos da instituição, seja mesmo durante o decorrer da entrevista.

Em contraste com a afirmação anterior, foi possível compreender que as jovens que se encontram há mais tempo inseridas na instituição de acolhimento e, sendo aquelas que também estão mais próximas da saída da mesma, são as que apresentam uma definição mais clara e concreta do que pretendem para o seu futuro. Estas jovens apresentam respostas mais desenvolvidas e objetivas no que diz respeito à definição das suas próprias expectativas de futuro, bem como das dificuldades que as estas possam estar associadas, o que se deve à necessidade de questionarem e prepararem o seu futuro para estarem prontas para enfrentar o mundo fora da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura permitiu compreender a relevância da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, possibilitando, também, a identificação das diversas razões que podem levar à implementação da mesma; e, quando se esgotam todas as opções de intervenção junto do jovem e da sua família, o acolhimento residencial é a última resposta a ser posta em prática. Durante este processo de acolhimento, e sobre tudo porque os jovens se encontram numa fase especialmente importante das suas vidas, é importante que se vá trabalhando com o jovem a sua saída da instituição, sendo, para tal, fundamental que este compreenda o papel das expectativas de futuro no seu desenvolvimento.

No que diz respeito às expectativas de futuro, os resultados obtidos demonstram que, de modo geral, as jovens entrevistadas para o presente estudo estão cientes de que podem encontrar diversas dificuldades ao longo do seu percurso de desenvolvimento, mas que, por outro lado, sabem como as confrontar e as ultrapassar para conseguirem atingir os seus objetivos, seja a que nível for (i.e., pessoal, profissional, familiar, económico, etc.). No entanto, existem jovens que ainda não refletiram muito sobre as suas próprias expectativas de futuro, o que se evidenciou em respostas mais básicas e pouco desenvolvidas para as perguntas que lhes eram feitas, tanto para as expectativas em concreto (i.e., aquilo que desejam que aconteça no seu futuro) como para os obstáculos e estratégias de superação dos mesmos.

Toda esta realidade de pensar o futuro pode desencadear diversos sentimentos negativos que as jovens evitam experienciar, o que resulta numa fuga constante a esta temática. Na realidade, as escolhas podem ser muitas no que diz respeito aos passos a dar aquando a saída da instituição de acolhimento, mas cabe a cada jovem decidir qual o caminho a seguir, de acordo com as suas necessidades e possibilidades. Mas o ‘pensar o futuro’ é uma tarefa importante durante a adolescência e sobre tudo neste contexto de acolhimento, pelo que, esta fuga constante do ‘pensar sobre o futuro e sobre as expectativas de futuro’ poderá trazer diversas consequências negativas para as vidas destas jovens, pois estas não criam objetivos, ou se os criam estes tendem a ser vagos, nem concebem um esboço do(s) caminho(s) necessário(s) a seguir para atingir os seus objetivos, o que pode, muitas vezes resultar numa adesão a comportamentos de risco (Sulimani-Aidan, 2015) como, por exemplo, consumo de substâncias, envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Bryan, Aiken & West, 2004; Tevendale, Lightfoot &

Slocum, 2009; Sipsma, Ickovics, Lin & Kershaw, 2012; Zimbardo & Boyd, 2004), e maior envolvimento com a lei (Mahler, Fine, Frick, Steinberg & Cauffman, 2018; Nurmi, 1991; Raffaelli & Koller, 2005).

Através da análise da literatura é possível observar que as temáticas refletidas pelos jovens quando se abordam as expectativas de futuro se relacionam com diversos domínios sobre o início da vida adulta e futura, como o trabalho e a educação, aparecendo de seguida aspetos mais ligados com o casamento e a construção de família, auto preocupações , atividades de lazer e aspetos materiais (Bandura, 2006; Nurmi, 1991; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013). Para estas jovens o mesmo acontece, pois ao longo das entrevistas as jovens foram abordando os diversos temas anteriormente referidos, embora todos tenham graus de importância diferentes para cada uma delas, pois cada uma conta com uma história de vida diferente, com experiências pessoais diferentes e com motivações e desejos vinculados de acordo com os seus gostos e personalidades.

As jovens do presente estudo passam uma importante fase das suas vidas na instituição de acolhimento, o que implica que esta tenha um papel fundamental no que diz respeito à preparação destas jovens para o dia da sua saída e para a realidade de viver fora da instituição de acolhimento, o que, conseqüentemente, quer dizer que a instituição de acolhimento tem um papel importante no ‘pensar o futuro’ e as expectativas de futuro das jovens que acolhe. Através do presente estudo foi possível verificar que a maioria das jovens afirma que a instituição de acolhimento em questão, isto é, a CARE Porta Mágica, as faz pensar sobre o seu futuro e sobre aquilo que querem para o seu futuro, sobre as suas expectativas.

Para terminar é importante considerar que o presente estudo conta com algumas limitações, tais como, o facto de ter sido desenvolvido apenas com jovens do sexo feminino, e o facto de ter uma amostra relativamente reduzida. Para futuras investigações, e uma vez que este é um tema pouco desenvolvido no contexto de institucionalização residencial, seria importante desenvolver estudos que pudessem comportar uma amostra maior e mais significativa, amostra esta que permitisse uma comparação entre sexos, pois sabe-se que as expectativas de futuro tendem a variar de acordo com o sexo dos indivíduos.

A maioria dos estudos realizados sobre as expectativas de futuro em crianças e jovens não fazem discriminação do contexto sociocultural de origem dos sujeitos que são

integrados nos diferentes estudos; e, sendo este um importante indicador do desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo, é essencial que se desenvolvam mais estudos a este nível em Portugal para se compreender se existem diferenças relevantes entre as expectativas de futuro de jovens em situação de acolhimento residencial e os restantes jovens da população em geral. Deste modo, torna-se igualmente relevante levar a cabo estudos que permitam compreender o trabalho que é, e que deve ser, realizado nas instituições de acolhimento para incentivar o desenvolvimento e a construção das expectativas de futuro das crianças e jovens acolhidas(os).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares – uma visão sistémica*. (1ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alvarez, F., Carvalho, I., & Baptista, M. (2014). Adolescentes em contexto institucional. Em: Mendes & Santos (orgs.), *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Apostolidis, T., Fieulaine, N., Simonin, L. & Rolland, G. (2006). Cannabis use, time perspective and risk perception: Evidence of a moderating effect. *Psychology and Health*, 21, 571-592.
- Arnett, J. (2007). Afterword: aging out of care – toward realizing the possibilities of emerging adulthood. *New Directions for Youth Development*, 113, 151-161. Doi: 10.1002/yd.207.
- Assembleia Geral das Nações Unidas (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf
- Bandura, A. (2006). Toward a psychology of human agency. *Perspectives on Psychological Science*, 1(2), 164-180.
- Barbas, L. (2014). Lar de infância e juventude especializado: o modelo terapêutico na perspetiva dos jovens e suas famílias. Dissertação de Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, Escola Superior de Educação de Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bayer, J. K., Ukoumunne, O. C., Lucas, N., Wake, M., Scalzo, K., & Nicholson, J. M. (2011). Risk factors for childhood mental health symptoms: national longitudinal study of Australian children. *Pediatrics*, 128(4). doi: 10.1542/peds.2011-0491.
- Beal, S. & Crockett, L. (2010). Adolescents' occupational and educational aspirations and expectations: links to high school activities and adult educational attainment. *Developmental Psychology*, 46(1), 258-265.

- Benbenishty, R., & Schiff, M. (2009). Perceptions of readiness to leave care among adolescents in foster care in Israel. *Children and Youth Services Review*, 31, 662-669. Doi: 10.1016/j.childyouth.2009.01.001.
- Blyth, D., & Leffert, N. (1995). Communities as contexts for adolescent development: an empirical analysis. *Journal of Adolescent Research*, 10(1), 64-87.
- Bryan, A., Aiken, L., & West, S. (2004). HIV/STD risk among incarcerated adolescents: optimism about the future and self-esteem as predictors of condom use self-efficacy. *Journal of Applied Social Psychology*, 34(5), 912-936.
- Cansado, T. (2008). Institucionalização de crianças e jovens em Portugal continental: o caso das instituições particulares de solidariedade social. *E-cadernos*, 2, 1-9. Doi: 10.4000/eces.1387.
- Carvalho, M. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, R., Pocinho, M., & Silva, C. (2010). Comportamento adaptativo e perspetivação do futuro: algumas evidências nos contextos da educação e da Saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 554-561.
- Carvalho & Salgueiro (2018). Problemas tornados desafios. Em: Carvalho & Salgueiro (Coord.), *Pensar o Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Casa de Acolhimento Residencial Especializado Porta Mágica (2019). *CARE – Porta Mágica*. Disponível em: <http://www.portamagica.pt/care.html>
- Catalano, R., Berglund, M., Ryan, J., Lonczak, H., & Hawkins, J. (2004). Positive youth development in the United States: research findings on evaluations of positive youth development programs. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 98-124.
- Clemente, R. (1998). Um novo olhar sobre a criança – um direito novo de promoção de direitos e proteção. *Intervenção Social*, 17(18), 19-25.

- Coie, J., Watt, N., West, S., Hawkins, J., Asarnow, J., Markman, H., Raney, S., Shure, M., & Long, B. (1993). The science of prevention: a conceptual framework and some directions for a national research program. *American Psychologist*, 48(10), 1013-1022. Doi: 10.1037//0003-066x.48.10.1013.
- Corral-Verdugo, V., Fraijo-Sing, B. & Pinheiro, J. (2006). Sustainable behavior and time perspective: present, past, and future orientations and their relationship with conservation behavior. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), 139-147.
- Courtney, M., & Dworsky, A. (2006). Early outcomes for young adults transitioning from out-of-home care in the USA. *Child and Family Social Work*, 11, 209-219.
- Courtney, M., Dworsky, A., Brown, A., Cary, C., Love, K., & Vorhies, V. (2011). *Midwest evaluation of the adult functioning of former foster youth: outcomes at age 26*. Chicago: ChapinHall at the University of Chicago.
- Courtney, M., Piliavin, I., Grogan-Kaylor, A., & Nesmith, A. (2001). Foster youth transitions to adulthood: a longitudinal view of youth leaving care. *Child Welfare League of America*, 80(6), 685-717.
- De Antoni, C., & Koller, S. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- Delgado, P. & Gersão, E. (2018). O acolhimento de crianças e jovens no novo quadro legal. Novos discursos, novas práticas? *Análise Social*, 3(1), 112-134.
- Diário da República (2018). *Lei n.º 26/2018 – Quarta alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo*. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/115643971>
- Dias, M. (2000). A família numa sociedade em mudança – problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Díaz-Morales, J. (2006). Perspectiva temporal futura y ciclo vital. *Anales de Psicología*, 22(1), 52-59.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *American Psychological Association*, 95(3), 542-575.

- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- Dubow, E., Arnett, M., Smith, K., & Ippolito, M. (2001). Predictors of future expectations of inner-city children: a 9-month prospective study. *Journal of Early Adolescence*, 21(1), 5-28.
- Dworsky, A., Napolitano, L., & Courtney, M. (2013). Homelessness during the transition from foster care to adulthood. *American Journal of Public Health*, 103(2), 318-323.
- Ferrari, J. & Díaz-Morales, J. (2007). Procrastination: different time orientations reflect different motives. *Journal of Research in Personality*, 41, 707-714.
- Guzmán, M. (2007). Mirando al futuro: desafíos y oportunidades para el desarrollo de los adolescentes en Chile. *Psykhé*, 16(1), 3-14.
- Holman, E. & Silver, R. (1998). Getting “stuck” in the past: temporal orientation and coping with trauma. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1146-1163.
- Huebner, E. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66, 3-33.
- Instituto da Segurança Social (2018). CASA 2017 – Relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens.
- James, W. (1950). *The Principles of Psychology*. New York: Dover Publications
- Janeiro, I. (2012). O inventário de perspectiva temporal: estudo de validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 1(34), 117-132.
- Keough, K., Zimbardo, P. & Boyd, J. (1999). Who’s smoking, drinking, and using drugs? Time perspective as a predictor of substance use. *Basic and applied social psychology*, 21(2), 149-164.
- Kirk, C., Lewis, R., Lee, F., & Stowell, D. (2011). The power of aspirations and expectations: the connection between educational goals and risk behaviors among african american adolescents. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 39, 320-332. Doi: 10.1080/10852352.2011.606406.

- Laghi, F., Pallini, S., D'Alessio, M. & Baiocco, R. (2011). Development and validation of the efficacious self-presentation scale. *The Journal of Genetic Psychology*, 172(2), 209-219. Doi: 10.1080/00221325.2010.526975.
- Lerner, R., & Galambos, N. (1998). Adolescent development: challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, 49, 413-446.
- Locatelli, A., Bzuneck, J. & Guimarães, S. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 268-276.
- Lopes, A., Mendes, F., Magalhães, C., Fernandes, R., & Martins, E. (2016). A atividade processual de uma comissão de proteção de crianças e jovens do centro de Portugal. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(1-2), 105-119.
- Loureiro, S. (2012). Perspectiva temporal e rendimento académico. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa.
- Mahler, A., Fine, A., Frick, P., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2018). Expecting the unexpected? Expectations for future success among adolescent first-time offenders. *Child Development*, 89(6), 535-551. Doi: 10.1111/cdev.12977.
- Martins, P. (2004). Proteção de crianças e jovens em itinerários de risco – representações sociais, modos e espaços. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Martins, C., Belsky, J., Marques, S., Baptista, J., Silva, J., Mesquita, A., De Castro, F., Sousa, N., & Soares, I. (2012). Diverse physical growth trajectories in institutionalized Portuguese children below age 3: Relation to child, family, and institutional factors”. *Journal of Pediatric Psychology*, 1-11. doi:10.1093/jpepsy/jss129.
- Mason, M., Castrianno, L., Kessler, C., Holmstrand, L., Huefner, J., Payne, V., Pecora, P., Schmaltz, S., & Stenslie, M. (2003). A comparison of foster care outcomes

- across four child welfare agencies. *Journal of Family Social Work*, 7(2), 55-72.
Doi: 10.1300/J039v07n02_05.
- McCabe, K., & Barnett, D. (2000). First comes work, then comes marriage: future orientation among african american young adolescents. *Family Relations*, 49(1), 63-70.
- McConnell, D., Feldman, M., Aunos, M. (2017). Parents and parenting with intellectual disabilities: an expanding field of research. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 30, 419-422.
- McConnell, D., Feldman, M., Aunos, M., & Prasad, N. (2011). Parental cognitive impairment and child maltreatment in Canada. *Child Abuse and Neglect*, 35, 621–632.
- Milfont, T. & Gouveia, V. (2006). Time perspective and values: an exploratory study of their relations to environmental attitudes. *Journal of Environmental Psychology*, 26, 72-82. Doi: 10.1016/j.jenvp.2006.03.001.
- Minayo, M. (2001). Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. *Revista brasileira de saúde materna e infantil*, 1(2), 91-102.
- Mota, C., & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspetiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377.
- Muller, F., Barboza, P., Oliviera, C., Santos, R., & Paludo, S. (2009). Perspectivas de adolescentes em conflito com a lei sobre o delito, a medida de internação e as expectativas futuras. *Revista Brasileira da Adolescência e Conflitualidade*, 1(1), 70-87.
- Nurmi, J. (1991). How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. *Developmental Review*, 11, 1-59.
- Oliveira, P., Fearon, R., Belsky, J., Fachada, I., & Soares, I. (2014). Quality of institutional care and early childhood development. *International Journal of Behavioral Development*, 39(2), 1-10. doi: 10.1177/0165025414552302.

- Ordem dos Psicólogos Portugueses (n.d.). Linhas de orientação para a prática profissional – psicologia no âmbito da proteção das crianças e jovens em risco. Lisboa: OPP. Disponível em: https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/psicol_1.pdf
- Ortuño, V. & Gamboa, V. (n.d.). Estudo preliminar de adaptação ao português do *Zimbardo Time Perspective Inventory* – ZTPI.
- Ortuño, V. & Janeiro, I. (2009). Estudo comparativo de duas medidas de perspectiva temporal: IPT e ZPTI em foco. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Universidade do Minho, Braga, 3770-3781.
- Ortuño, V., Paixão, M. & Janeiro, I. (2013). O tempo subjectivo como instrumento (des)adaptativo no processo desenvolvimental. *Análise Psicológica*, 2(31), 159-169. Doi: 10.14417/ap.752.
- Pais, M. (2015). Acolhimento residencial de jovens: proteger, prevenir e capacitar – desafios à intervenção. Em: Carvalho & Salgueiro (Coord.), *Pensar o Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Paredes, E. & Pecora, A. (2004). Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 49-65.
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 25-39.
- Préau, M., Apostolidis, T., Francois, C., Raffi, F. & Spire, B. (2007). Time perspective and quality of life among HIV-infected patients in the contexto of HAART. *AIDS Care*, 19(4), 449-458. Doi: 10.1080/09540120601017464.
- Raffaelli, M., & Koller, S. (2005). Future expectations of brasilian street youth. *Journal of Adolescence*, 28, 249-262. Doi: 10.1016/j.adolescence.2005.02.007.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família – Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

- Ringle, P. & Savickas, M. (1983). Administrative Leadership: planning and time perspective. *The Journal of Higher Education*, 54(6), 649-661. Doi: 10.1080/00221546.1983.11780188.
- Robbins, R. & Bryan, A. (2004). Relationships between future orientation, impulsive sensation seeking, and risk behavior among adjudicated adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 19(4), 428-445.
- Rothspan, S. & Read, S. (1999). Present versus future time perspective and HIV risk among heterosexual college students. *Health Psychology*, 15(2), 131-134.
- Sá, T. (2014). Casas e pessoas. Em: Mendes & Santos (orgs.), *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Sánchez-Sandoval, Y., & Verdugo, L. (2016). Desarrollo y validación de la escala de expectativas de futuro en la adolescencia (EEFA). *Anales de Psicología*, 32(2), 545-554. Doi: 10.6018/analesps.32.2.205661.
- Seginer, R. (2000). Defensive pessimism and optimism correlates of adolescent future orientation. *Journal of Adolescent Research*, 15(3), 307-326. Doi: 10.1177/0743558400153001
- Seginer, R. (2008). Future orientation in times of threat and challenge: how resiliente adolescents construct their future. *International Journal of Behavioral Development*, 32(4), 272-282. Doi: 10.1177/0165025408090970.
- Seginer, R. (2009). *Future Orientation – Development and Ecological Perspectives*. Springer: New York.
- Silva, S. (2009). Famílias de risco, crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Silva, A., & Fossá, M. (2015). Análise de conteúdo: exemplos de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrónica*, 17(1), 1-14.

- Sipsma, H., Ickovics, J., Lin, H., & Kershaw, T. (2012). Future expectations among adolescents: a latent class analysis. *American Journal of Community Psychology*, 50, 169-181. Doi: 10.1007/s10464-011-9487-1.
- Stein, M. (2006). Research review: young people leaving care. *Child and Family Social Work*, 11(3), 273-279. Doi: 10.1111/j.1365-2206.2006.00439.x.
- Stein, M., Pinkerton, J., & Kelleher, P. (2000). Young people leaving care in England, Northern Ireland, and Ireland. *European Journal of Social Work*, 3(3), 235-246. Doi: 10.1080/714052827.
- Steinberg, L., & Morris, A. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110. Doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.83.
- Sulimani-Aidan, Y. (2015). Do they get what they expect?: the connection between young adults' future expectations before leaving care and outcomes after leaving care. *Children and Youth Services Review*, 55, 193-200. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2015.06.006.
- Sulimani-Aidan, Y., & Benbenishty, R. (2011). Future expectations of adolescents in residential care in Israel. *Children and Yout Services Review*, 33, 1134-1141. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2011.02.006.
- Sulimani-Aidan, Y., Benbenishty, R., Dinisman, T., & Zeira, A. (2013). Care leavers in Israel: what contributes to better adjustment to life after care? *Journal of Social Service Research*, 39(5), 704-718. Doi: 10.1080/01488376.2013.834283.
- Tevendale, H., Lighfoot, M., & Slocum, S. (2009). Individual and environmental protective factor for risky sexual behavior among homeless youth: na exploration of gender differences. *AIDS and Behavior*, 13, 154-164. Doi: 10.1007/s10461-008-9395-z.
- Tonsing, K., & Ow, R. (2018). Quality of life, self-esteem, and future expectations of adolescent and young adult cancer survivors. *Health & Social Work*, 43(1), 15-21.
- UNICEF (2019). A convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos. *Comité Português para a UNICEF*. Disponível em:

https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

- Vieira, R. (1998). Centro de acolhimento – intervenção para a afirmação do direito de cidadania da criança e da família. *Intervenção Social*, 17(18), 69-83.
- Ward, A. (2002). Opportunity led work: maximising the possibilities for therapeutic communication in everyday interactions. *Therapeutic Communities*, 23(2), 111-124.
- Weiner, A., & Kupermintz, H. (2001). Facing Adulthood alone: the long-term impact of family break-up and infant institutions, a longitudinal study. *British Journal of Social Work*, 31, 213-234.
- Wickström, M., Höglund, B., Larsson, M., & Lundgren, M. (2017). Increased risk for mental illness, injuries, and violence in children born to mothers with intellectual disability: a register study in Sweden during 1999-2012. *Child Abuse and Neglect*, 65, 124-131.
- Wyman, P., Cowen, E., Work, W., & Kerley, J. (1993). The role of children's future expectations in self-system functioning and adjustment to life stress: a prospective study of urban at-risk children. *Development and Psychopathology*, 5, 649-661.
- Yunes, M., Garcia, N., & Albuquerque, B. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades de convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453.
- Zappe, J., Moura Jr, J., Dell'Aglia, D. & Sarriera, J. (2013). Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(1), 91-100.
- Zimbardo, P., & Boyd, J. (1999). Putting time in perspective: a valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(6), 1271-1288.
- Zimbardo, P., Keough, K. & Boyd, J. (1997). Present time perspective as a predictor of risky driving. *Personality and Individual Differences*, 23(6), 1007-1023.

ANEXOS

Anexo I

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Cara Jovem,

Eu, Beatriz Pereira, encontro-me a realizar um estudo com o tema “As Expectativas em relação ao Futuro em Jovens em Acolhimento Residencial”. O principal objetivo deste estudo é perceber de que modo as jovens acolhidas em instituição constroem e formam as suas expectativas relativamente ao seu futuro. Assim, peço a tua participação numa entrevista e autorização para gravar a mesma. Asseguro que será mantida a confidencialidade do material resultante desta entrevista e que apenas será utilizado para a investigação em causa

Data: ____ / ____ /20____

Assinatura da Investigadora

- Declaro que estou esclarecida no que respeita à minha participação nesta investigação;
- Entendo que tenho o direito de colocar qualquer questão sobre o estudo e os métodos a utilizar;
- Compreendo que sou livre de abandonar o estudo a qualquer momento.

Assim, aceito participar neste estudo, nos moldes que me foram comunicados.

Data: ____ / ____ / 20____

Assinatura da Participante

Anexo II

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local da Entrevista: _____

Data de realização: ____ / ____ / 20____

Caracterização da participante:

Idade: _____

Frequência Escolar: _____

Tempo de permanência na Instituição: _____

1. Costumas pensar sobre o teu futuro? Alguém ou alguma coisa te fez/faz pensar sobre o teu futuro?
2. Achas que é importante (ou que seria importante) pensares sobre o futuro? Porquê?
3. Quando pensas sobre o teu futuro (ou se te pedisse agora que pensasses aqui comigo sobre o teu futuro), qual é a primeira coisa que em que pensas? Isto é, a primeira imagem, ideia, palavra(s) ou emoções que te vem(êm) à mente.
4. O que gostavas de fazer em termos da tua formação? Gostavas de continuar a estudar? Pretendes conseguir um curso superior ou de formação profissional? Que área gostarias de estudar? Quais achas que serão as maiores dificuldades que podes encontrar e estratégias esperas usar?
5. No futuro, o que te imaginas a fazer? Que trabalho gostavas de ter? Quais achas que serão as maiores dificuldades que podes encontrar e que estratégias achas que podes adotar?
6. Para ti, é importante seres financeiramente autónoma? Como pretendes atingir esse objetivo? Como achas que será gerires o teu próprio dinheiro? Que dificuldades achas que podes encontrar? [Explorar as dificuldades que cada jovem considera que poderá encontrar, bem como as estratégias que poderá adotar]
7. A nível da habitação, o que gostavas que acontecesse? - Ter um espaço só para ti, viver com a tua família, amigos, ou outra pessoa... - Quais achas que serão as maiores dificuldades que vais encontrar? E que estratégias achas que podes usar para contornar essas dificuldades? [Explorar as dificuldades que cada jovem considera que poderá encontrar, bem como as estratégias que pode adotar]

8. Gostavas de voltar para a tua família? Quais são as maiores dificuldades que podes encontrar? Como é que imaginas, no futuro, as relações com a tua família?
9. Achas que algum dia vais querer constituir família? Casar, ter filhos...
10. E com os teus amigos? Como imaginas que será a relação com os teus amigos? Queres manter amigos que tens atualmente junto de ti? Pretendes retomar o contacto com amigos que já tiveste? Achas que os amigos são (ou serão) importantes na tua vida?
11. Para ti, no futuro, o que é mais importante conseguires atingir para que sejas feliz ou para que te sintas uma pessoa realizada?
12. Sentes que tens (ou que vais ter) os apoios suficientes (seja de outras pessoas, instituições, serviços, etc.) para conseguires atingir os teus objetivos e para suprimires todas as tuas necessidades? [Apoios ao nível do acompanhamento na saúde, acesso a serviços especializados, apoio a nível jurídico, apoios sociais, etc.; apoios para atingir objetivos e suprimir necessidades (básicas ou não) – estratégias que cada jovem poderá adotar]
13. Se, no futuro, sentires dificuldades (em algum aspeto/área) ou se a tua vida não levar o rumo que pretendes (isto é, se as coisas não correrem como tu planeaste), a quem (ou onde) achas que podes recorrer para te ajudar? [Se se sentirem em grandes dificuldades ou se as coisas correrem de forma substancialmente diferente do que planearam, a quem consideram que podem recorrer para pedir ajuda]
14. De todos os temas falados durante esta entrevista, consegues dizer qual é, para ti, o que achas que terá mais importância na tua vida no futuro? E o que terá menos? (E.g., Emprego, família, educação, autonomia financeira, etc.).

Anexo III

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR AS ENTREVISTAS

Beatriz Varão Pereira

E-mail: bia_varao@hotmail.com

Departamento de Psicologia da Universidade de Évora

Colégio Pedro da Fonseca, PITE (Parque Industrial e Tecnológico de Évora)

Rua da Barba Rala, 7000 Évora

geral@dpsi.uevora.pt

Exma. Senhora Presidente da Associação Porta Mágica,

No âmbito do Mestrado em Psicologia, na área de Psicologia Clínica, na Universidade de Évora – Escola de Ciências Sociais, eu, Beatriz Varão Pereira, encontro-me a realizar um estudo com o tema “As Expectativas em relação ao Futuro em Jovens em Acolhimento Residencial”, sob orientação da Professora Doutora Constança Biscaia. O principal objetivo deste estudo é compreender de que forma jovens institucionalizadas constroem as suas expectativas relativamente ao futuro, isto é, perceber o que as jovens pretendem que aconteça no seu futuro, o que imaginam/acham que vai acontecer, quais as temáticas com que mais se preocupam e sobre as quais mais pensam, procurando ainda compreender a eventual influência da instituição de acolhimento na construção destas expectativas.

Para concretizar o desenvolvimento deste estudo, pretendo realizar a jovens acolhidas pela CARE Porta Mágica uma entrevista. A recolha e análise dos dados será realizada por mim, sob supervisão da minha orientadora. Asseguro que será mantido o anonimato e a confidencialidade de todos os dados recolhidos, os quais serão apenas utilizados no âmbito desta investigação.

Deste modo, venho solicitar a V. Exa. autorização para desenvolver a componente prática do meu estudo de dissertação junto de algumas jovens acolhidas pela CARE Porta Mágica.

Atenciosamente,

Data: ____ / ____ / 20__

Anexo IV

Tabela 11

Categorias, e respectivas subcategorias e unidades de registo, obtidas para a dimensão temporal futura da Perspetiva Temporal

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
O lugar do futuro	Ter lugar e iniciativa para pensar o futuro	A: <i>Sim. Eu tomo a iniciativa para pensar sobre o meu futuro.</i> C: <i>Sim. Por minha iniciativa, eu é que quero pensar.</i> D: <i>Sim. As músicas fazem-me pensar.</i> E: <i>Sim. Os dois, porque quero e porque fazem pensar.</i> G: <i>Costumo. Costumo pensar porque preciso de pensar no meu futuro. Porque eu tenho que ter uma vida, ninguém me vai sustentar, preciso de um estudo, preciso de ser alguém, eu quero ser alguém. Então eu busco sempre mais.</i> H: <i>Sim. Penso por minha iniciativa.</i> I: <i>Costumo, porque eu quero.</i> J: <i>Costumo. Ambas, porque eu quero e porque também me fazem pensar.</i>
	A importância de pensar o futuro para o poder preparar	A: <i>Para começar a construir uma imagem sobre como mais ou menos vai ser o meu futuro, e para já ter em mãos e em mente o que fazer.</i> C: <i>Sim, para depois quando sair daqui poder ter alguma coisa lá fora, já sair daqui preparada, e ter alguma coisa para ser o que eu quero (...).</i>

		D: <i>Sim, porque estou próxima de ir para casa e tenho que pensar no que é que eu vou fazer, (...) e o que eu quero.</i> E: <i>Sim. Temos que ter expectativas para o futuro, temos que saber o que é que queremos fazer quando formos grandes.</i> F: <i>(...) Para termos uma vida lá fora.</i> G: <i>Sim, obviamente.</i> H: <i>Sim, porque se eu não tiver uma formação, ou alguma coisa, não consigo no meu futuro nesse aspeto.</i> I: <i>(...) Porque acho que é uma maneira de continuar a minha vida.</i> J: <i>Sei lá...acho que é importante. (...) Para pensar no que eu quero.</i>
		B: <i>Não penso.</i> B: <i>Acho que até é importante, mas não sei porquê.</i>
Representação do Futuro	Não ter lugar para pensar o futuro.	F: <i>Não muito. Já me fizeram pensar, mas como é que hei de explicar?! ... Não tenho paciência para isso.</i> K: <i>Não, porque não tenho nada para pensar.</i> K: <i>Sei lá...</i>
	Profissão que se deseja	A: <i>Imagino-me a ser uma PJ e a ajudar as pessoas. Eu penso muito nisso, é a primeira coisa que me vem à cabeça.</i> E: <i>Ser GNR.</i> I: <i>Veterinária. Foi aquilo que quis sempre, desde pequenina (...).</i>
	Voltar para a Família	D: <i>(...) voltar para a minha família.</i> F: <i>Voltar para a minha família.</i> H: <i>Ajudar a minha mãe.</i>

Bens materiais	G: <i>Dinheiro.</i> J: <i>Sei lá...Ter uma casa.</i>
Ser feliz e realizar os seus objetivos pessoais	C: <i>Poder arranjar trabalho e conseguir atingir os meus objetivos.</i> K: <i>Ser feliz.</i>
Sem representação	B: <i>Não sei.</i>

Anexo V

Tabela 12

Dimensões, e respetivas categorias, subcategorias e unidades de registo, obtidas para a dimensão Expectativas em Relação ao Futuro

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Formação/Educação	Desejo de continuar a estudar	Para poder ter um curso profissional ou um curso superior com o objetivo de ter a profissão que se deseja	A: Sim, quero continuar a estudar e tirar um curso para ser polícia. B: Sim, para conseguir ser esteticista. C: Sim, quero seguir estudos para ser educadora de infância. D: Sim, mas não numa escola normal, no IEFP, e tirar o curso profissional de cozinha. G: Gostava de continuar a estudar. Gostava de ir para a Universidade...eu quero ir para Filosofia. H: Sim. Queria tirar um curso de cozinha e pastelaria, tirar um curso profissional. I: Sim. E tirar o curso para ser veterinária.
		Para poder ter um emprego	F: Gostava de continuar a estudar para poder arranjar emprego. Mas ainda não sei o que quero.

	Para ter formação e aprender coisas novas	K: <i>Sim. Gostava de fazer tudo porque quero ser uma mulher com formação, quero aprender mais coisas e saber alguma coisa de novo. Gosto de dança e desporto.</i>
	Sem ter um objetivo específico	E: <i>Quero continuar a estudar.</i>
Estudar só enquanto for obrigatório		J: <i>Não. Quero só a escolaridade obrigatória</i>
		A: <i>(em risos) A Educação Física; tenho muitas dificuldades.</i>
		B: <i>Conseguir tirar boas notas.</i>
		C: <i>A matemática e o Inglês.</i>
		D: <i>Sei lá...pratos que eu ainda não sei cozinhar. Depois também acho que lá no IEFP vou ter muitas disciplinas, não sei quais, por isso, isso também me preocupa.</i>
Dificuldades/Obstáculos sentidos	Disciplinas/O que ainda não sei fazer	E: <i>A matemática. Não me dou bem com a matemática.</i>
		F: <i>A matemática.</i>
		I: <i>Acho que mais a parte das ciências, porque matemática eu sou boa (...), ciências é aquilo que tenho mais dificuldade.</i>
		J: <i>A matemática é difícil.</i>

		K: <i>Há tantas coisas...sei lá. Disciplinas difíceis.</i>
	O facto de estar numa Instituição	G: <i>(...) por estar numa instituição (...) para ir para a universidade não é fácil; (...) e eu preciso de sustentar primeiro, preciso de ter uma boa base, fazer o 10º, 12º ano (...).</i>
	Saber ouvir os outros e prestar atenção	H: <i>Saber ouvir o que os outros têm para me dizer, prestar atenção, e acho que é só.</i>
Estratégias de superação das dificuldades	Estratégias centradas em si própria	A: <i>Esforçar-me cada vez mais, puxar por mim.</i>
		B: <i>Estudar mais.</i>
		C: <i>Estudar</i>
		D: <i>Estudar e lutar por aquilo que quero.</i>
		E: <i>Estudar mais.</i>
		J: <i>Não sei, não faço a mínima. Não sou muito de estudar, não é?! Mas sempre posso fazer um esforço.</i>
		G: <i>Primeiro o trabalho, primeiro organizo-me e depois...eu não desisto dos estudos (...) e volto a estar a par da filosofia, da universidade e de tudo.</i>
		H: <i>E ficar mais atenta</i>
		K: <i>Estudar.</i>

			C: (...) <i>pedir ajuda</i> F: <i>Sei lá...em vez de ser só a aula, pedir à 'stora para me acompanhar mais sem ser nas aulas.</i> H: <i>Pedir ajuda quando eu preciso, e saber lidar com isso.</i> I: <i>Sei lá. Se calhar, pedir ajuda.</i> K: <i>perguntar mais aos professores.</i>
Trabalho/Emprego	Profissão/Emprego desejada(o)	Estratégias centradas no poder solicitar mais o apoio do outro	
Trabalho/Emprego	Profissão/Emprego desejada(o)	Poder conseguir atingir objetivos profissionais	A: <i>Gostava muito de ser PJ.</i> B: <i>Esteticista.</i> C: <i>Ser educadora de infância.</i> D: <i>Ser cozinheira.</i> E: <i>Ser GNR.</i> G: (...) <i>Eu queria ser barman, eu gosto muito de cozinhar, mas eu queria ir para filosofia porque eu queria ser professora universitária de filosofia.</i> H: <i>Uma pastelaria...gostava de abrir a minha própria pastelaria.</i> I: <i>Ser veterinária.</i> J: <i>Tomar conta de crianças. Ser educadora.</i>

	Sem ter ainda algo bem definido	F: <i>Tenho algumas coisas em mente...mecânico, bombeiro...</i> K: <i>Não sei...mas algo a ver com a dança e desporto.</i>
Dificuldades/Obstáculos sentidos	Dificuldades Académicas	A: <i>Seria mesmo a educação física.</i> B: <i>Não vai ser fácil porque só tenho o 6ºano.</i> C: <i>Não sei. A matemática e o inglês não são fáceis. E vai ser um bocado complicado encontrar trabalho na área.</i> G: <i>(...) ao longo do tempo os sonhos vão desaparecendo (...), e agente vai entendendo que a gente precisa de dinheiro (...). E Portugal (...) não recebemos muito em Portugal. E pronto, quem não tem muito estudo também não tem muito dinheiro. E pronto, não me imagino a trabalhar grande coisa se não estudar muito.</i>
		D: <i>Em arranjar trabalho. Quando acabar o curso, supostamente vou ter uns 16 ou 17 anos, não sei como vai ser para arranjar trabalho.</i> H: <i>(...) vou precisar de funcionários, e tenho que aprender o que tenho que aprender para conseguir entrar num café ou numa pastelaria e conseguir atender os clientes, e conseguir fazer o que eles pedem.</i>
	Dificuldades na procura de trabalho/Falta de oportunidades	

		I: <i>Na zona onde eu moro acho que não há grandes sítios para trabalhar, nem para tirar o curso nem nada disso.</i> J: <i>Sei lá...não sei. Procurar o trabalho.</i> K: <i>Não sei. Encontrar trabalho?!</i>
	Sem noção de dificuldades/obstáculos	E: <i>Não sei que dificuldades posso encontrar.</i>
	Características próprias	F: <i>No bombeiro é as vertigens, e no mecânico é...não sei.</i>
	Estratégias centradas em si própria	A: <i>Tenho que me esforçar mais.</i> E: <i>Até sou empenhada na escola (...).</i> J: <i>Claro que tinha que o procurar [o trabalho].</i>
Estratégias de superação das dificuldades	Inicialmente ter outro trabalho que não logo o pretendido	C: <i>Não vou desistir de ser educadora de infância, mas vou ter que trabalhar noutra coisa até conseguir ser educadora.</i> D: <i>Não sei...talvez fazer um estágio.</i> G: <i>(...) Imagino-me a trabalhar em qualquer coisa, mas a começar do zero em qualquer trabalho, para qualquer coisa.</i>
	Procurar outra solução/Pedir ajuda	H: <i>Não sei...procurar pessoas, procurar sítios, pedir ajuda.</i>

		I: <i>Tinha que ir tirar o curso para fora.</i>
Autonomia Financeira	Sem noção de estratégias a adotar	F: <i>Não sei bem o que posso fazer.</i> K: <i>Não sei.</i>
		A: <i>Sim [é importante]. Ainda não pensei muito sobre como será gerir o meu dinheiro (...).</i> B: <i>Quero ter o meu dinheiro (...).</i> C: <i>Imagino-me a ter o meu dinheiro.</i> E: <i>Sim [é importante].</i>
	É importante ter o meu próprio dinheiro/Imagino-me a ter o meu dinheiro	F: <i>Sim [é importante].</i> G: <i>(...) Imagino-me a ter o meu dinheiro (...).</i> H: <i>Sim [é importante]. Seria uma experiência que eu nunca tive, e poderia ser uma boa tentativa [a gestão].</i> I: <i>É importante.</i> J: <i>(...) claro que é importante.</i> K: <i>Imagino-me a ter o meu dinheiro e para mim é importante.</i>
	Importância de ser financeiramente autónoma	
	Não é importante ter o meu próprio dinheiro/Não me imagino a ter o meu dinheiro	D: <i>Não me imagino a ter o meu dinheiro.</i>

Dificuldades/Obstáculos
sentidos

Gestão do dinheiro

A: (...) em conseguir repartir o dinheiro que ganho para todas as despesas que vou ter.

B: (...) mas não sei se sabia como gerir.

C: Não sei como será gerir esse dinheiro, porque depende também do que eu ganhar.

D: Era difícil gerir o meu dinheiro, não sou boa a contas.

E: Acho que não vai ser nada fácil gerir o meu dinheiro. Primeiro que tudo tenho que comprar uma casa, ou alugar, tirar a carta de condução, um carro, ter sempre aquele dinheiro para a comida e para os bens.

F: Não sei se ia ser fácil ou não gerir o meu dinheiro. Aqui tenho a experiência de ter que gerir o meu dinheiro, mas não sei como será lá fora. (...) Assim que tivesse dinheiro lá fora ia estar sempre a gastar em doces, e em porcarias de chinês e em roupa.

G: (...) Isso é assustador, é assustador (...) porque vêm só contas para pagar (...).

H: Ter o dinheiro e estar sempre a gastá-lo e depois chegar a uma altura e não conseguir ter porque o gastei no tempo em que não precisava de o gastar.

		I: <i>Epah...não sei como seria gerir o meu dinheiro (...).</i> J: <i>Ia ser mais complicado [gerir o dinheiro], depois temos água, luz, gás, isso tudo para pagar.</i> K: <i>Ter dinheiro suficiente para as coisas que eu quero.</i>
Estratégias de superação das dificuldades	Estratégias centradas em si própria – poupar/juntar dinheiro	A: <i>(...) tenho que ser a pessoa muito poupadinha (...). Talvez dizer não a mim mesma quando quero certas coisas e controlar-me.</i> C: <i>(...) e agora já tenho uma conta aberta, mas quero abrir outra para também quando estiver em casa poder ter uma conta para as dívidas, uma conta poupança, e outra para utilizar e disfrutar daquele dinheiro.</i> D: <i>Eu provavelmente não gastava quase dinheiro nenhum, e vou guardando e juntando dinheiro (...). Posso trabalhar por turnos ou usar a calculadora.</i> F: <i>Tenho que me orientar.</i> K: <i>Tinha que ser com ajuda [a gestão do dinheiro] ...só tendo uma calculadora na minha mão. (...) Juntando, poupando.</i>
	Estratégias centradas em poder solicitar ajuda/apoio	I: <i>(...) com a ajuda da minha mãe...a minha mãe ajuda-me com essas coisas (...).</i>

			G: (...) a trabalhar dia e noite para o conseguir. E a gestão será feita vivendo muito pobre, vivendo muito mal. (...) Primeiro é poupar, poupar. E segundo, eu acho que ter mais do que um trabalho seria bom ou fazer horas-estrás. (...) E em vez de férias, trabalhar, e nas folgas. J: Tinha que estar a trabalhar em dois trabalhos para conseguir ter dinheiro para tudo.
			B: Não sei...nunca pensei sobre isso. E: Não sei, nunca é fácil gerir o dinheiro porque temos sempre muitas despesas...não sei. H: Não sei, nunca pensei nisso.
Habitação	Idealização do futuro quanto à habitação	Voltar a viver com a família	A: Até a minha mãe morrer, eu gostava de viver com ela (...) e eu estou a pensar em nunca abandonar aquela casa. B: Gostava de voltar a viver com a minha família. D: Eu vou viver com os meus avós. H: Gostava de viver com os meus irmãos e com a minha mãe, só.

	Viver sozinha	E: Para já, tenciono ficar aqui até aos 18 anos, mas quando sair não sei se vou viver com um rapaz, não sei, depende, não é?! Se fosse já, era sozinha. J: Viver sozinha. Claro que se depois tiver um namorado ou assim, já é diferente.
	Partilhar casa	G: No início não vais ter um espaço só para ti, hoje em dia é impossível. Vais ter que ter um quarto (...). K: Partilhar casa com amigos ou amigas.
	Voltar a viver com a Família até poder viver com o(a) companheiro(a)	C: Eu vou viver com a minha mãe. E depois quando fizer os 18 anos (...) vou arranjar uma casa e vou morar com o meu namorado. F: Por enquanto ia viver com a minha família, depois ia viver com uma pessoa. I: No início gostava de ir viver com a minha mãe. Mas depois gostava de...pronto, ter a minha casa (...) com o meu marido, os meus filhos, e essas pessoas todas.
Dificuldades/Obstáculos sentidos	Conseguir encontrar uma casa/quarto barata(o)	C: Arranjar uma casa barata, sempre com aquela coisa de se o dinheiro chega, se a relação vai dar certo, muitos problemas da casa, não sei. (...) não é fácil encontrar uma casa barata (...).

	E: <i>Ui...não sei. Muitas, até. Arranjar uma casa e que seja barata, mas acima de tudo, primeiro, arranjar emprego.</i> G: <i>(...) até o quarto está muito caro hoje em dia.</i> J: <i>Tinha que gerir muito bem o meu dinheiro para dar para tudo.</i> K: <i>Ter dinheiro e procurar casa.</i>
Conseguir ter dinheiro para tudo	E: <i>Ui...não sei. Muitas, até. Arranjar uma casa e que seja barata, mas acima de tudo, primeiro, arranjar emprego.</i> J: <i>Tinha que gerir muito bem o meu dinheiro para dar para tudo.</i> K: <i>Ter dinheiro e procurar casa.</i>
Ter capacidade de tomar boas decisões e escolher as boas opções	A: <i>Depende muito da minha cabeça e dos caminhos que seguir.</i>
Sem noção de dificuldades	B: <i>Não sei.</i> D: <i>Acho que não vou ter.</i> F: <i>Acho que não ia encontrar, acho que temos uma boa relação [entre a família].</i>

			H: (Encolher de ombros como quem diz ‘não sei’).
	Estratégias de superação das dificuldades	Dividir despesas	C: (...) <i>abrir a conta, metade-metade, equilibrar as coisas entre mim e o meu namorado, dividirmos as despesas a meias, sentarmo-nos os dois e tentar esclarecer como é que a gente faz.</i> G: <i>Vais ter que partilhar casa. Chamar um amigo meu para viver comigo e pagarmos a metades.</i>
		Conseguir ter logo um emprego para poder ter dinheiro	E: <i>Procurar logo um emprego.</i> J: <i>Tinha dois trabalhos.</i> K: <i>Trabalhar.</i>
		Sem definição de estratégias	B: <i>Não sei.</i> F: <i>Não sei.</i> H: (Encolher de ombros como quem diz ‘não sei’).
			A: <i>Sim [voltar a viver], com a minha mãe. A nossa relação ia ser boa e conseguíamos viver juntas.</i> B: <i>Acho que vamos ter uma boa relação.</i> C: <i>Sim [gostava de voltar a] viver com a minha mãe. E tinha uma boa relação com a minha família.</i> D: <i>Quero voltar para a minha família e viver com os meus avós.</i>
Relações Interpessoais	Relação com a Família	Existe uma boa relação a família	

		F: <i>Sim [gostava de voltar a viver com a família].</i> H: <i>Sim [gostava de voltar a viver com a família] (...) no futuro a relação ia continuar a ser boa e a correr bem.</i> I: <i>Sim [gostava de voltar a viver com a família]. (...) A minha mãe e eu sempre tivemos muitas discussões e nunca soubemos lidar uma com a outra. Mas sinto que consigo ter o apoio dela na mesma.</i> J: <i>Mais ou menos [a relação com a família], mas conseguíamo-nos orientar.</i>
	Não há uma boa relação que possibilite voltar a viver com a família	E: <i>Já pensei em voltar para a minha família, mas não ponho muito essa hipótese. Porque eu e o meu pai não nos damos bem.</i> G: <i>Tenho uma boa relação com a minha família, mas não a longo prazo. Eu sou complicada, e a minha família é complicada.</i> K: <i>A família já não existe.</i>
Dificuldades sentidas na relação com a Família	Dificuldade de relacionamento com um ou mais membros da família	E: <i>(...) eu e o meu pai não nos damos bem.</i> I: <i>Acho que ia encontrar dificuldades com a minha mãe. A minha mãe e eu sempre tivemos muitas discussões e</i>

		<i>nunca soubemos lidar uma com a outra. Mas sinto que consigo ter o apoio dela na mesma.</i>
	Dificuldade de relacionamento com os outros e que coloca em causa o bem-estar da família	D: <i>A minha maior dificuldade seria a escola, nunca lidei muito bem com a escola, com as pessoas da escola – arranjava sempre confusão (...). Mas era capaz de controlar isso para poder estar junto da minha família.</i>
	Sem noção de dificuldades	B: <i>Não sei.</i> C: <i>Não sei.</i> H: <i>(...) acho que não ia encontrar dificuldades (...).</i> J: <i>Não ia sentir dificuldades.</i>
Desejo de Constituir Família	Querer casar, ter filhos	A: <i>Sim, gostava de construir uma vida com alguém.</i> B: <i>Sim [gostava de constituir família].</i> C: <i>Sim [gostava de constituir família].</i> E: <i>Sim [gostava de constituir família].</i> F: <i>Sim, gostava que isso acontecesse.</i> H: <i>Sim...sim [gostava de constituir família].</i> I: <i>(...) também penso em casar.</i> J: <i>Claro. Casar, não, juntar com alguém. Ter filhos, um gato...</i>

	Não é, para já, uma prioridade	G: <i>Eu sou mais interessada no meu futuro e isso talvez fique em décimo primeiro lugar.</i>
	Sem representação	D: <i>Não sei.</i> K: <i>Não penso nisso.</i>
Relação com os Amigos	Tenho uma boa relação com os meus amigos/Vou ter uma boa relação com os meus amigos	D: <i>Acho que tenho uma boa relação com os meus amigos, mas acho que alguns vão acabar por desaparecer da minha vida. Mas sinto que tenho amigos que vão ficar sempre comigo. E há amigos com quem queria voltar a falar, mas não sei se isso seria possível.</i> F: <i>Acho que tenho uma boa relação com os meus amigos. E sei que com alguns tenho amizades para a vida e que no futuro essas relações se vão manter.</i> H: <i>Com os meus amigos, até agora tenho tido uma boa relação, e acho que é até uma relação boa para o futuro. E ainda tenho alguns amigos com que gostavam de voltar a falar.</i> I: <i>A relação vai ser boa. Eu sou muito boa a fazer amigos (...). E sinto que levo amigos para a vida (...).</i>

	J: Sei lá, uma relação normal. Acho que não tenho amigos que levo para a vida e que sejam para manter, mas há pessoas com quem gostava de voltar a falar. K: Será uma relação boa, e acho que tenho amigos que levo sempre comigo. Também tenho pessoas com quem gostava de voltar a falar.
Não tenho amigos/Ainda não encontrei os verdadeiros amigos	A: Eu mudei muitas vezes de casa, mas quando saio nunca levo amigos porque ainda não encontrei os amigos verdadeiros. G: Não tenho amigos. Não tenho amigos porque eu não sou fácil em me dar a amigos (...). Eu tenho pessoas conhecidas, pessoas que são um pouco íntimas, mas não tenho amigos.
Importância dada à relação com os amigos	A: E um dia espero encontrar assim amigos que possa levar para a vida toda e que serão importantes na minha vida. B: Alguns amigos são importantes para mim. E gostava de voltar a falar com amigos que já tinha, eles eram importantes para mim.

			C: (...) gostava de manter relações com amigos que tenho agora, eles são importantes. D: Alguns amigos vão ser importantes e vão ser pessoas que eu preciso de ter comigo. H: Sim, é [importante ter os amigos na sua vida]. I: Sim, é [importante ter os amigos na sua vida]. J: Sim, claro [é importante ter amigos na sua vida]. K: São [importantes], são um apoio.
Satisfação com a Vida	Realização pessoal/Objetivos para ser feliz	Poder estar com a família/Poder ajudar a família	A: A minha mãe, ter a minha mãe ao pé de mim. C: Para ser uma pessoa feliz, tinha que sair daqui com alguma coisa, e voltar para ao pé da minha família. Ajudar as minhas irmãs e levar alguma coisa daqui de dentro lá para fora e poder ensinar aquilo que não me ensinaram a mim em pequena – dar às minhas irmãs aquilo que eu não tive. D: Conseguir estar com a minha família e ter o trabalho que quero. H: Ajudar a minha mãe.
		Ter a(o) profissão/emprego que desejo	D: Conseguir estar com a minha família e ter o trabalho que quero.

			E: <i>Ou ser GNR, ter uma casa, ter filhos, ter marido. Ou se eu não conseguir ser GNR também tenho outra profissão que eu gostava de ser, educadora. (...)</i> G: <i>Sucesso. Sucesso a nível de trabalho, a nível dos estudos, a nível emocional.</i> I: <i>Conseguir o meu sonho [ser veterinária].</i> K: <i>Não sei. A dança e o desporto são importantes.</i>
Constituir família			E: <i>Ou ser GNR, ter uma casa, ter filhos, ter marido. Ou se eu não conseguir ser GNR também tenho outra profissão que eu gostava de ser, educadora. (...)</i> F: <i>Ter um parceiro.</i>
Sem representação/Sem representação definida			B: <i>Não sei.</i> J: <i>Sei lá...não sei. Nunca pensei muito sobre esse assunto. Não sei...não faço ideia.</i>
Auxílios	Apoio(s) no futuro para conseguir atingir objetivos e/ou suprimir necessidades	Sinto que vou ter o(s) apoio(s) que preciso no futuro	A: <i>Em termos financeiros sim, porque tenho a minha mãe, tenho o meu pai e tenho os meus padrinhos (...).</i> B: <i>Não sei. Mas acho que a minha família me apoiava.</i> D: <i>Sim [acha que vai ter os apoios necessários].</i> E: <i>De momento tenho. E no futuro acho que também vou ter.</i>

	F: <i>Sim, acho que tenho. Mas não sei se vou continuar a ter. (...) Mas sinto que posso contar com as pessoas que aqui estão [CARE Porta Mágica].</i> I: <i>Sinto [que tem os apoios necessários]. E no futuro acho que vai continuar igual, acho que as pessoas me vão continuar a apoiar.</i> J: <i>Não sei...mas acho que sim [que vai ter os apoios necessários].</i> K: <i>Eles [educadores e técnicos] tentam ajudar, só que o problema é que eu não mostro que quero ser ajudada. Não é ser ajudada...a minha técnica dá-me estratégias, mas a minha palavra é sempre um 'não' (...). Mas sinto que me apoiam e acho que no futuro também vou continuar a ter.</i>
Sinto que não vou ter o(s) apoio(s) que preciso no futuro	C: <i>Eu acho que não, porque por mais que eu tome uma decisão, tipo metade da minha família vai estar contra e amigos também me vão dar opinião, e sinto que metade deles também me vão virar as costas. (...)</i> G: <i>Não [acha que vai ter os apoios necessários]. Eu acho que com os 17 anos que eu tenho, eu acho que tenho que</i>

		<i>começar a depender mais de mim do que das outras pessoas. Depender dos apoios, é continua a depender das pessoas para o resto da vida. É que nem a depender da Segurança Social em Portugal.</i> H: (...) <i>acho que no futuro não vai ser o mesmo. Todos os apoios que tive aqui não vou ter lá fora.</i>
Quem/o quê pode ajudar/apoiar em caso de necessidade	A Família	A: <i>À minha família. Acho que posso contar sempre com o apoio da minha família.</i> C: <i>À minha mãe.</i> D: <i>Aos meus avós. Posso contar com o apoio deles.</i> F: <i>Não sei. Mas talvez pedisse ajuda à minha família.</i> H: <i>Talvez peça ajuda ao resto da minha família com quem me dou melhor.</i> I: <i>À minha mãe e ao meu irmão.</i>
	Os/As amigos/as	E: <i>Aos educadores, aos técnicos (...). E também algum amigo ou outro daquelas amizades que eu tenho.</i> J: <i>Amigos.</i>
	Educadores e técnicos da CARE Porta Mágica	E: <i>Aos educadores, aos técnicos (...). E também algum amigo ou outro daquelas amizades que eu tenho.</i>

Aspeto(s) (des)valorizado(s) relativamente ao Futuro	Tema que terá mais importância no futuro	Estaria dependente si própria	B: Voltava a fazer tudo para conseguir atingir os meus objetivos. G: (...) Vou começar de novo, começar de novo, começar de novo, e ver o que é que está a dar errado, e ver o que é que eu estou a fazer de errado e pensar, sentar e pensar. (...)
		Pessoas de confiança	K: Há pessoas em quem confio.
		A Família	A: A minha família, a minha mãe. B: A minha família. C: A família. D: A família. I: Conseguir ser veterinária e continuar a ter o apoio da minha mãe.
			H: Os amigos. K: Os amigos, amigas.
			G: O curso, a universidade.
		Conseguir o curso pretendido	

	Conseguir o emprego pretendido	I: <i>Conseguir ser veterinária e continuar a ter o apoio da minha mãe.</i> J: <i>Tenho que ter o trabalho, não é?! Porque se não, sem o trabalho não era nada.</i>
	Todos os temas vão ser importantes	E: <i>Todos, vão ter todos a mesma importância.</i>
	Saber lidar com a vida no exterior da CARE Porta Mágica	F: <i>Saber lidar com as coisas lá fora.</i>
		A: <i>Seriam os amigos.</i> B: <i>Não sei, talvez os amigos.</i> C: <i>Os amigos.</i> D: <i>Os amigos.</i> I: <i>Se eu tiver o apoio da minha mãe, os amigos, claro que vão estar sempre lá, mas mãe é mãe. Há amigos que são sempre mais próximos.</i>
Tema que terá menos importância no futuro	Os Amigos	
	A Família	G: <i>Eu acho que fui dando menos importância à família (...).</i> K: <i>Não sei...talvez a família. O resto da minha vida foi com outras pessoas, não foi com a minha família.</i>

	Nenhum tema tem menos importância	J: <i>O que tem menos...sei lá. Fogo, eu acho que não há nenhum que tenha menos.</i>
	Pessoas tóxicas	F: <i>Ignorar pessoas que me provocam e que não preciso na minha vida.</i>
	Ainda sem definição	H: <i>Não sei.</i>
Tema que mais preocupa relativamente ao futuro	Conseguir trabalho/o emprego pretendido	A: <i>É ser polícia, em realmente conseguir ser polícia.</i>
		C: <i>Se eu vou conseguir ou não arranjar aquilo que eu quero, se vou conseguir ser educadora de infância, o trabalho, (...).</i>
		D: <i>O trabalho.</i>
		E: <i>O trabalho. Quero muito ser GNR, ou educadora. (...)</i>
	Conseguir estar com a Família	B: <i>É a família; preocupa-me não conseguir estar com a minha família.</i>
		F: <i>A família (...).</i>
		H: <i>Que os meus irmãos não queiram aceitar vir viver comigo e com a minha mãe.</i>
	Os estudos	C: <i>(...) os estudos, se vou conseguir resolver os problemas da matemática e do inglês.</i>
		I: <i>Aquilo que me preocupa agora, neste momento, é eu estar agora neste curso, que estou no curso PIEF e não</i>

			<i>conseguir ir para o curso que eu quero, que é veterinária. O curso PIEF não tem nada a ver com aquilo que eu quero, e com o curso PIEF depois não tenho as bases para ir para o 10ºano normal. E isso vai ter que me levar a ter muitos mais estudos.</i>
			Conseguir ter uma casa F: (...) e arranjar uma casa.
			Não conseguir ter dinheiro para todas as despesas J: É não conseguir ter dinheiro para ter tudo, para pagar tudo.
			Acreditar que uma coisa vai acontecer e no fim não se concretizar K: Eu pensar que vai acontecer aquilo que nunca vai acontecer; quando eu chego a saber, é outra coisa, não é a coisa que eu queria.
			Conseguir atingir os meus objetivos vs. falhar G: É o oito ou oitenta...ou daqui para o sucesso, ou daqui para o fundo do poço, oito ou oitenta.
Encorajamento para pensar o Futuro	Influência da Instituição de Acolhimento para pensar o Futuro	A CARE Porta Mágica incentiva a pensar sobre o Futuro/Expectativas de Futuro	A: Aqui na casa fazem-nos pensar sobre isso, sobre o futuro. Quando sairmos daqui já temos que ter pensado naquilo que queremos. A realidade lá fora não é a realidade de cá de dentro. Mas eu sinto que estou preparada para o meu futuro.
			C: Aqui [CARE Porta Mágica] fazem-nos pensar no nosso futuro com regularidade, preparam-nos para o

mundo lá fora. Eu estou praticamente a 4 meses de me ir embora. Ajudam-nos a criar objetivos.

D: *Aqui [CARE Porta Mágica] fazem-nos pensar no nosso futuro. Temos que começar a pensar no que queremos quando sairmos daqui.*

E: *Fazem-nos pensar bué sobre o nosso futuro. Para eu aprender e para eu ter a noção do que é que vai ser o futuro e para me prepararem para o futuro. (...)*

G: *Ninguém precisa de me fazer pensar sobre o assunto, eu nem consigo dormir só de pensar sobre o meu futuro.*

H: *Sim, fazem [pensar]. Porque eles querem-me ajudar a que o meu futuro seja melhor.*

I: *Costumam [fazer pensar sobre o futuro]. (...) Fazem-nos pensar aqui que é para quando for lá para fora já ter algo e saber o que quero.*

J: *Fazem. Eles fazem pensar. (...) Eles ajudam a gente a preparar-se para a vida lá fora, porque é tudo diferente.*

A CARE Porta Mágica faz-me pensar sobre o meu

F: *Às vezes fazem pensar; quando tenho atendimento com uma senhora daqui ela pergunta-me, só que só penso nisso quando ela pergunta (...). Quando falam*

Futuro, mas não demonstro
grande interesse em fazê-lo

*comigo sobre isso, eu fico tipo... 'yah, ainda é muito cedo
para pensar nisso, tenho tempo'*

K: (...) *Mas os técnicos também [fazem pensar sobre o
futuro], mas às vezes não participo nas atividades.
[Razão por que fazem pensar] Se calhar para ser alguém
na vida, se calhar para ser diferente do dia-a-dia.*

Não sinto que a CARE
Porta Mágica me faça
pensar sobre o meu futuro

B: *Nunca senti que aqui [CARE Porta Mágica] me
fizessem pensar sobre o meu futuro e sobre aquilo que eu
quero.*
